

ÁREA DE
Enseñanza

COACHING-EDUCATION



**ENSEÑAR BIEN LOS ATLETISMOS EN LA ESCUELA Y EN EL CLUB.
CÓMO RESPONDER A ESTOS DESAFÍOS URGENTES****TEACHING ATHLETICS AT EARLY AGES. PROPOSALS FOR ITS PRATICAL APPLICATION IN SCHOOLS OR CLUBS****Ramiro Rolim**

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal

RESUMEN

Con la intencionalidad de responder de forma consistente a los desafíos de enseñar bien el Atletismo a los jóvenes, ofreciéndoles vivencias y experiencias duraderas y consecuentes, iremos en esta presentación, identificar e localizar los problemas y dificultades que contextualizan y gravitan en entorno del Atletismo y de su proceso de enseñanza – aprendizaje en la escuela y en el club.

Así, partiendo de un enfoque conceptual del Atletismo, denominadamente, a su naturaleza, a su caracterización y a su riqueza deportivo-motora, visitaremos y nos centraremos sobre las diferentes instituciones y entidades que interactúan en este complejo puzzle, designadamente, la escuela, el club, los alumnos, los jóvenes, los docentes, los entrenadores, los dirigentes, etc., intentando vislumbrar respuestas para algunas de las próximas cuestiones:

- ¿Por qué en la actualidad la gran mayoría de los jóvenes no les gusta el Atletismo?
- ¿Cómo es propuesto y enseñado el Atletismo a los jóvenes en la escuela y en el club?
- ¿Que Atletismo es habitualmente enseñado?
- ¿O Que es necesario cambiar? ¿O que es urgente hacer?

No siendo fácil de responder cabalmente a todas estas preguntas, no olvidaremos de vos presentar el nuestro colorado puzzle, debidamente montado y ancorado en nuestras ideas y propuestas, en fin, en las inmensas experiencias vividas y reflejadas en favor de mucho y mejor Atletismo en la escuela y en el club.

RESUMO

Tendo por propósito responder consistentemente aos desafios de ensinar bem o Atletismo aos jovens, proporcionando-lhes vivências e experiências duradouras e consecuentes, iremos, nesta apresentação, identificar e situar os principais problemas e dificuldades que contextualizam e gravitam em redor do Atletismo e do seu processo ensino-aprendizagem na escola e no clube.

Assim, partindo do enfoque conceptual do Atletismo, nomeadamente no que concerne à sua natureza, à sua caracterização e à sua riqueza desportivo-motora, visitaremos e debruçar-nos-emos sobre as diferentes instituições e entidades que interagem neste complexo puzzle, designadamente, a escola, os clubes, os alunos, os jovens, os professores, os treinadores, os dirigentes, etc., procurando vislumbrar respostas para algumas das seguintes questões:

- Porque é que, actualmente, a grande maioria dos jovens não procura o Atletismo nem gosta de Atletismo?
- Como é que o Atletismo é apresentado e ensinado aos jovens nas escolas e nos clubes?
- Que Atletismo é habitualmente ensinado?
- O que é necessário mudar? O que é urgente fazer?

Não se afigurando fácil responder cabalmente a todas estas perguntas, não deixaremos de vos apresentar o nosso colorido puzzle, debidamente montado e ancorado nas nossas ideias, nas nossas propostas, enfim, nas inmensas experiências vividas e reflectidas em prol de mais e melhor Atletismo na escola e no clube.

A MORTE NA MARATONA: CELEBRAÇÃO DA VIDA

Rui Proença Garcia - Teresa Marinho

Universidade do Porto, Portugal

rgarcia@fade.up.pt

RESUMO

Neste breve ensaio os autores pretendem analisar a Maratona através de um marco teórico próximo da História das Religiões teorizada por Mircea Eliade e Julien Ries. Partem de uma possível ontologia da palavra Maratona, tentando compreender o seu significado na Grécia Antiga e na contemporaneidade. Analisaram a história da Maratona, os discursos de atletas, documentos escritos sobre esta competição desportiva, visionaram várias Maratonas em especial as de Londres e Nova Iorque, tendo concluído que na sua estrutura e nos seus comentários há símbolos religiosos que a aproximam de um ritual sagrado que tenta repetir o mito fundador. Na origem da Maratona está uma morte. Correr a Maratona e sobreviver significa ultrapassar a morte mítica, entrando-se numa condição humana superior, pelo que os concluem que correr ao Maratona o homem celebra a vida.

Palavras-Chave: Maratona – Mitologia – Morte – Vida

INTRODUÇÃO

Muito se tem escrito e falado sobre a Maratona. Desde a sua origem mítica (batalha de Maratona em 490 a.C.) à metodologia de treino para a percorrer, a palavra Maratona não deixa ninguém indiferente.

É uma palavra, uma simples palavra que comporta um grande número de sentidos. É um lugar próximo de Atenas. É um símbolo de liberdade. É uma prova desportiva. É uma metáfora para aquilo que só é alcançado através de muito esforço. A Maratona é um mito e, como diria o poeta Fernando Pessoa, “o mito é o nada que é tudo”. A palavra Maratona nada é e ao mesmo tempo é tudo. É tudo porque sem essa palavra não existia a mais emblemática prova olímpica. Aqueles 42.195 metros não tinham nenhum significado. Quem criou essa prova do Atletismo foi uma palavra.

No principio era a Palavra [ou o Verbo]. Com estas palavras São João inicia o seu Evangelho. Foi a palavra a potência criadora, que dá ser ao que não existe, que ordena o caos, o *logos* da humanidade. Na tradição cristã na Palavra repousa a vida, a luz, o conhecimento. A Palavra foi como um instrumento criador, a forma encontrada para colocar no universo aquilo que não existia. A Palavra, mais do que um nome abstracto ou fortuito, é uma força fecundante e fundadora. A Palavra funda uma existência. Sem ela nada existia.

A Maratona é uma palavra fundadora. Fundou uma prova desportiva, e, mais importante, fundou um modelo existencial baseado no esforço verdadeiro. A palavra Maratona fundou uma ética. Mais ainda, permitiu uma nova leitura do Mito de Sísifo. Sim, porque correr a Maratona é subir vezes sem conta a montanha da vida.

Ser maratonista não se resume apenas a quem já correu essa prova. Ser maratonista simboliza uma ética centrada no esforço continuado. Ninguém o é por fazer algo rapidamente. Implica uma dedicação sem fim a uma causa. Esse é que é o verdadeiro sentido da palavra Maratona.

A Maratona é também uma história de vida. Sabemos que na sua base há uma história de morte. Um soldado teve de

correr entre a planície de Maratona e a cidade de Atenas para anunciar a vitória militar perante os soldados de Dario, o Rei Persa que em 490 a.C. invadiu o território grego. Com efeito, é da tradição que no decorrer da batalha, quando Milcíades percebeu a vitória, enviou um mensageiro a Atenas para comunicar essa alegria. A escolha recaiu sobre Philippides que correu sem parar a distância que separa esses lugares. Correu até à exaustão e, chegado a Atenas, depois de comunicar a vitória (“Alegrai-vos. Vencemos!” [Xairete, Nenikikamen]) caiu morto. O esforço enorme para percorrer a distância venceu a vida do pobre soldado! Foi a primeira vítima da Maratona.

Sabemos que estamos perante uma pequena história, provavelmente inventada. A primeira referência escrita que conhecemos sobre o episódio do soldado Philippides é de um autor tardio, Plutarco, datando dos séculos I e II da nossa era, isto é, cerca de sete séculos após a ocorrência da batalha de Maratona (Plutarco, *De la gloire des Athéniens*). É estranho, sem dúvida. No entanto os mitos são narrações estranhas, para não dizer absurdas e incompreensíveis. Faz lembrar Heródoto, no seu Livro VIII. 26, quando Tritantaicmes, filho de Artábano, estranhou que o prémio de uma peleja desportiva fosse uma coroa de oliveira e não a riqueza. «Ai, Mardónio, que homens são esses...». Também as suas histórias poderão ser estranhas.

A batalha de Maratona teve uma grande importância para a civilização grega. Lévéque refere que as vitórias sobre os persas foram simbolizadas no Grande Templo (mais tarde chamado Parténon) como um símbolo evidente da vitória da ordem e da supremacia da *polis* sobre a anarquia e a brutalidade primitivas.

Por seu turno Effenterre, considera a vitória em Maratona como uma vitória da Liberdade sobre o despotismo. A batalha de Maratona, ainda nas palavras de Effenterre, tornou-se um símbolo para os vencedores e a essa geração o autor denominou-a de maratonómacos.

Grimal afirma que com a derrota dos atenienses em Maratona teria perecido para sempre uma certa imagem de liberdade. Também Maria Helena da Rocha Pereira refere que o povo helénico conseguiu uma vitória inesquecível em Maratona.

Clota, na introdução a uma edição espanhola de *Tragedias Completas* de Ésquilo, refere-se à vitória grega sobre os persas como um possível mito (“La Historia se había convertido em Mito”).

Porém esta ligação de Maratona a valores de liberdade, isto é, a noção de Maratona como símbolo, não é, de modo algum, uma construção moderna mas velha de dois milénios. Demóstenes (século IV a.C.) refere-se, na sua *Oração da Coroa*, àqueles “nossos antepassados que foram os primeiros a expor-se ao perigo em Maratona” como um modelo de luta pela liberdade. Também Aristófanes (séculos V-IV a.C.), ao contrapor a educação antiga à moderna, diz que foi “a minha educação que criou os guerreiros de Maratona” (*As Nuvens*, 981-988), numa clara alusão ao feito conseguido pela geração dos maratonómacos.

Igualmente a pintura, através de Polignoto de Tasos, imortalizou esta batalha no *Stoa Poikila* (Pórtico Pintado) de Atenas com cenas da batalha de Maratona. A escultura também não se

esqueceu da Maratona. O friso do interior do Parténon, com a procissão das Panateneias é interpretado por Boardman como sendo o festival do ano da batalha figurando os futuros combatentes que aí estavam heroificados.

A estátua de mármore dedicada à deusa Nikè foi erigida na Acrópole após a batalha de Maratona.

Diante de tantas exaltações a esta vitória militar, Maratona tornou-se num símbolo. Para Paul Ricoeur o símbolo dá para pensar. Pensemos, então, na Maratona enquanto símbolo

O LUGAR DA MARATONA NA GRÉCIA ANTIGA

A Maratona enquanto competição desportiva é recente. Tem pouco mais de um século de existência. Nos jogos da antiguidade clássica não há qualquer prova paralela à Maratona. A maior distância que era disputada nos antigos Jogos Olímpicos não ultrapassava os dois mil e quinhentos metros, bem longe dos mais de quarenta quilómetros da actual Maratona. Com efeito a prova da Maratona seria inconcebível na civilização ateniense do século V a.C.

Os jogos de então tinham como uma das finalidades de pôr à prova a *aretê* do homem integral e não uma habilidade meramente especializada. A Maratona, pela sua especialização, não poderia ser uma prova desportiva grega. Aristóteles dizia que um verdadeiro homem deveria “saber tocar flauta mas não bem de mais”. Seria impossível treinar-se para esta longuíssima prova e participar activamente na vida da *polis*. Platão, dentro desta concepção de homem integral, achava natural que o ateniense fosse para o ginásio, para o teatro ou para um navio de guerra, exercitando-se quer física quer mentalmente.

Igualmente Thucydides (in *Pericles' Funeral Oration*, II:41) refere-se que a educação ateniense se orientava para todos os aspectos da vida.

A Maratona, ou se quisermos o seu treino, é, quase, um modo de vida. Dificilmente seria integrada na vivência helénica. É uma prova do homem actual, da especialização e, a nosso ver, fruto da sociedade industrial.

MARATONA: ENTRE A LENDA E A COMPETIÇÃO

A prova da Maratona está intimamente associada aos Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizados pela primeira vez no ano de 1896, na cidade de Atenas.

Se Pierre de Coubertin está ligado à (re)criação deste acontecimento desportivo de tal forma que o seu coração se encontra em Olímpia, Michel Bréal deveria ter o seu coração na planície de Maratona pois foi sob o seu impulso que se criou esta prova olímpica, embora o autor francês Gardien atribua a Coubertin a primazia da ideia da Maratona. Michel Bréal era um linguista francês, professor no Collège de France, de reputado prestígio e muito ligado à cultura clássica, em especial à Grécia.

Baseado numa história popular, Bréal propôs a Pierre de Coubertin que se realizasse uma prova que ligasse a planície de Maratona ao Estádio Olímpico de Atenas, a fim de se repetir o heróico percurso do jovem Philippides.

É evidente que entre a lenda e a realidade pode ir uma distância considerável. O próprio nome do soldado não é certo apontando alguns para Feidípes, Philippides ou Pheidippides outros para Aristion ou ainda Euclès nem há certezas na distância *percarrera* em virtude da extensão da planície de Maratona e da própria dimensão de Atenas. Distâncias entre os 18 e os 45 quilómetros foram já “medidas” para esta prova. Por exemplo, Ioannidès, após aturadas investigações sobre o percurso mais razoável entre os dois locais, encontrou a distância de 34 quilómetros.

Se a historicidade da batalha de Maratona não levanta qualquer suspeita, bastando para isso consultar os historiadores

clássicos, como por exemplo Heródoto, Thucydides e mesmo Ésquilo, já da proeza do soldado Philippides o mesmo não poderá ser afirmado. Ésquilo, combatente em Maratona, na sua tragédia *Os Persas*, não se refere a este episódio, descrevendo, contudo, a batalha. Este autor alude à existência de um mensageiro, mas da parte persa que comunicou a derrota a Dario.

Também Heródoto não referencia nenhum mensageiro de Maratona a Atenas. A primeira referência escrita por nós conhecida sobre o episódio de Philippides é de um autor tardio, Plutarco, datando dos séculos I e II da nossa era, isto é, cerca de sete séculos após a ocorrência da batalha de Maratona (Plutarco, *De la gloire des Athéniens*).

É pois tarefa difícil ou mesmo impossível afirmar ou negar a existência do soldado-mensageiro. Há argumentos para aqueles que defendem a tese da existência deste soldado baseados na manutenção pela oralidade da história durante sete séculos. Para que uma história se perpetue pela oralidade terá que ser relevante e paradigmática, pelo que não seria crível a sua inexistência. Por outro lado, como vimos, há autores que questionam a veracidade do facto, alegando que os principais historiadores do Mundo Antigo não se referiram a esse acontecimento.

Ioannidès considera, na defesa desta segunda afirmação, que a história da batalha de Maratona como manifestação de potência e de vontade humana fora do comum, deve ter inflamado a imaginação das gerações posteriores, ao ponto de criar o clima ideológico que deve ter presidido ao nascimento da lenda do soldado.

Desconhecemos o grau de aceitação de cada uma destas posições acerca da veracidade da história por parte do professor Michel Bréal, embora nos inclinemos mais, tomando como base as conferências de Pierre de Coubertin, para a sua plena aceitação. Bréal, então, propôs e o Comité Olímpico aceitou. Essa aceitação parece ter sido mais uma consequência de circunstâncias várias do que propriamente de uma atitude entusiástica dos membros do Comité Olímpico.

A ideia era assim *repetir* o caminho do soldado. Coubertin considerou mais tarde que a Maratona foi a única coisa tecnicamente sensacional desses Jogos Olímpicos, tendo o próprio Bréal oferecido uma taça em ouro para o vencedor.

Assim, de uma lenda de origem e valor duvidosos, nascia a mais simbólica competição desportiva.

PENSAR NOS SÍMBOLOS DA MARATONA

A morte

Podem parecer estranho que num trabalho sobre desporto se abra um ponto sobre a morte. Mais estranho parece ser o facto de na Faculdade de Desporto já existir uma razoável produção científica sobre a morte, em especial na dimensão antropológica.

A visão hegemónica existente vê o desporto como sinónimo de vida. O movimento nega a morte. A morte no estádio raramente é heróica, levantando suspeitas mais ou menos fundadas. O *doping* aparece quase sempre associado a essas mortes. Ora, o *doping*, segundo uma recomendação do Conselho da Europa, é contrário aos valores éticos do desporto.

Parece assim que desporto e morte se excluem mutuamente. Contudo, esta evidência não resiste a uma análise mais profunda, verificando-se que há sólidas ligações entre estes dois fenómenos. É, por exemplo, o caso da esgrima, onde o tocar o adversário com a espada, corresponde à eliminação do atirador, à sua morte e destruição simbólica. Menos simbólica é a destruição no pugilismo, onde nos últimos 40 anos aconteceram cerca de quatro centenas de mortes reais. Na própria Maratona a morte real ocupa o seu lugar. Num estudo recen-

temente publicado pela revista *Track Technique*, verificou-se que por cada 10.000 participantes em Maratonas ocorria um acidente cardiovascular.

Nestes dois últimos casos apresentados há uma coincidência da morte simbólica e da morte real, como aliás Bernard Jeu já tinha perspectivado. Sabemos que o desporto é um exemplo típico da antecipação do simbólico relativamente ao real.

O sentido simbólico da morte no desporto, infelizmente não raras vezes é ultrapassado pelo sentido real do acontecimento. Hans Lenk, filósofo alemão do desporto, afirma a relação evidente que pensa existir entre o desporto e morte, considerando que o homem no desporto derrota simbolicamente a morte, superando o medo que ela suscita.

Estamos assim perante um dualismo evidente em relação ao tema da morte. Mais evidente se torna esta ambiguidade se tomarmos em consideração que na origem do desporto estão quase sempre mortes e lutas entre os deuses. Por outro lado, a Recomendação 900, discutida e adoptada pela Assembleia do Conselho da Europa em 1981, aponta inequivocamente, no seu ponto 26, que os jogos atléticos tornaram-se um elemento importante nas cerimónias fúnebres.

Afinal a morte não é tema tabu para o desporto. Nem o poderia ser pois o **desporto é uma forma de linguagem**. Sabemos que o homem é o único animal que tem consciência da inevitabilidade da sua morte, mas é através da linguagem que distingue os dois estados opostos do corpo animal: o vivo e o morto. Por isso, o desporto como forma de linguagem simbólica que é, não pode ficar indiferente ao tema da morte. Trata-o e representa-o com um dualismo evidente.

Carl Diem reduz a origem do desporto à esfera do culto. Deuses, lutas míticas, sacrifícios, rituais são palavras comuns neste e em outros autores. O desporto moderno, traço da “ideia linear do progresso” difundida no século XVIII e dominante nos séculos seguintes, apela, para além da constante busca do *record*, ao limite da condição humana, sendo esse limite a própria morte.

A *carrera*¹ esteve sempre ligada a rituais iniciáticos. O nascimento social, o casamento e a morte eram (e de certa forma ainda o são) comemorados e renovados através de *carreras*. A *carrera* assume-se como um intermediário, neste caso, entre a vida e a morte, numa clara tentativa de vencer a **derradeira crise**, assumindo-se assim com um carácter sacrificial. A prova da Maratona insere-se perfeitamente dentro desta perspectiva da luta contra a morte.

Na realidade a Maratona assenta na *carrera* de um soldado que, na ansia de chegar a Atenas, não resistiu ao esforço e morreu. A **origem primordial** da *carrera* é assim uma história de morte.

Esta história é regularmente lembrada pela comunicação social, não ficando assim apenas no conhecimento de uns tantos “eruditos”. Qualquer um tem acesso e noção da origem desta prova, isto porque ao escutar a narrativa do nascimento de uma actividade o homem torna-se contemporâneo do acto criador.

Aliás, a recitação regular da lenda entronca num outro aspecto importante para a teoria do mito. Eliade reconhece que da mesma forma que um remédio só é eficaz quando se conhece a sua origem, também pensamos que só é possível a reactualização da prova mítica se soubermos como é que essa prova aconteceu ou apareceu. Assim, somos contemporâneos da competição mítica, mantendo-nos no mesmo tempo do princípio.

1 A palavra portuguesa que significa *carrera* em castelhano é “corrida”. Sabemos que esta palavra portuguesa tem um sentido diferente em Espanha, pelo que a evitamos e escrevemos a sua correspondente castelhana.

A narração das origens possui um valor muito maior que o mero conteúdo do relato: este proporciona o conhecimento daquilo que é verdadeiramente significativo.

Parece, como temos vindo a observar, estar perante um mito, que é reactualizado em cada Maratona, pois a primeira Maratona olímpica não foi só no sentido de comemorar mas também de **reviver** este feito. A prova mais eloquente deste reviver é-nos dada pelas palavras pronunciadas pelo juiz de partida da Maratona de 1896, nomeadamente: “*A carrera vai ser duríssima, o calor muito intenso, a fadiga fará cair os mais débeis, havendo mesmo o perigo de morte para os mais mal preparados*”.

O aviso foi feito. Todo o cenário montado em torno desta prova foi verdadeiramente de morte. Os organizadores da primeira Maratona olímpica tiveram medo da morte em virtude da distância. Infelizmente acabaram por ter razão quando, em 1912, o português Francisco Lázaro morreu em plena prova, tornando-se no primeiro morto olímpico dos tempos modernos.

Outro atleta já morreu pela Maratona olímpica, embora em condições bem diferentes. Referimo-nos ao japonês Suburaya que resolveu fazer o *hara-kiri* por não poder discutir a Maratona do ano de 1968. Esta morte parece entroncar naquilo que entendemos ser um dos aspectos mais importantes de uma Maratona, isto é, tornar-se herói, e que adiante referiremos.

Um das características do sagrado é atrair e repelir, ser útil e perigoso, podendo tanto dar a imortalidade como a morte. Esta ambivalência está igualmente presente na *carrera* da Maratona. A distância atrai, fascina. É com frequência que ouvimos afirmar que “não abandono o atletismo sem correr a Maratona”. Mas a distância também repele. A Maratona é, para alguns, uma prova infernal. Sem dúvida que através desta prova poderemos chegar a uma possível definição de sagrado adiantada por Rudolf Otto: o sagrado (ou a Maratona) seduz, arrasta, arrebatava estranhamente, que cresce em intensidade até produzir o delírio e o inebriamento.

Com a Maratona tanto é possível a entrada triunfal no panteão do atletismo, conquistando assim a imortalidade, como a perda da vida, que, embora raramente, acontece. A ambivalência aqui exposta desempenha um papel deveras importante na criação de diferentes noções de Maratona. Para uns a distância é terrível, enquanto para outros é acolhedora.

Perante a nossa exposição poderemos corroborar as palavras de Edgar Morin quando discute o aparecimento no mundo mediterrânico de deuses que oferecem aos humanos a receita da imortalidade, da vitória sobre a morte. O fenómeno da Maratona é de origem marcadamente mediterrânica, Grécia e França, que relata uma vitória desta civilização sobre uma outra, pelo que poderemos encontrar aqui um subsídio para uma explicação da estruturação da prova em torno de um cenário ritualista, onde a morte surge com invulgar importância.

A dramatização mítica dos heróis da Maratona

Na literatura –como nos jornais, folclore, provérbios e nas conversas familiares– as *performances* olímpicas são aproveitadas e incorporadas na etnografia, resultando em motivos históricos, literários e religiosos e muitos outros de modo surpreendente.

Spiridon, o primeiro campeão olímpico da Maratona, foi publicamente proclamado herói nacional e honrado por todo o poder de então. A imprensa dos mais variados países refere-se aos maratonistas como heróis. Já nos relatos de 1896, como é visível no *Jornal de Notícias* (Porto, 22 de Abril) os atletas são vistos com esse atributo. Em 1980, isto é, quase cem anos depois, o mesmo diário portuense refere-se exactamente nos

mesmos termos para classificar os atletas: “entre os heróis da Maratona, Anacleto foi um valente” (8 de Outubro). Igualmente a imprensa britânica emprega o termo herói para qualificar os maratonistas. Um determinado atleta foi, nas palavras do articulista da revista *Today's Runner*, aclamado pela imprensa, rádio e televisão de herói nacional por ter corrido a Maratona (Maio de 1989). Num outro número da mesma revista alude-se ao “desafio heróico” e num outro passo ao “acto heróico, levando o atleta ao limite de si próprio”. O próprio público que assiste a este tipo de prova trata os concorrentes com alguma deferência, o que levou um atleta britânico a declarar, aquando dos Jogos Olímpicos de Tóquio, que mais parecia uma coroação real que uma simples competição de Atletismo.

Não é muito fácil explicar esta condição de herói atribuída aos maratonistas. Pensamos que, se liga **fundamentalmente** ao rompimento de uma dimensão do tempo diacrónico numa clara perspectiva do eterno retorno presente, tão eloquentemente tratado por Nietzsche, Mircea Eliade entre muitos outros.

Tal como em qualquer dramatização mítica, na Maratona vivem-se três grandes provas. Na primeira, **prova qualificante**, é feita a escolha do(s) herói(s) para a aventura da **prova principal**, onde os obstáculos terão que ser vencidos, finda a qual se segue o reconhecimento do mérito do vencedor, na **prova glorificante**.

Roger Caillois também dá contributos interessantes para a compreensão do fenómeno da heroificação dos maratonistas. Para este autor, herói é aquele que fornece soluções felizes ou infelizes a situações míticas. O herói pode violar as regras, pelo que se torna necessário a existência de um ritual. O ritual serve para introduzir o indivíduo na atmosfera mítica, pois só aí é possível a violação do interdito.

Não será por acaso que a história lendária que instituiu a Maratona é regularmente lembrada no sentido de introduzir os seus participantes na esfera do mito.

A história do soldado por si só faz parte da literatura. A mesma história quando ritualizada, torna-se próxima da mitologia e, por isso mesmo, os seus participantes são heróis.

A dimensão sacrificial da Maratona

Inúmeras vezes, como tivemos já oportunidade de demonstrar, à palavra Maratona associa-se uma ideia de tarefa grandiosa, sobre-humana, mesmo de sacrifício. A imprensa assimila e veicula regularmente tal significação à palavra. O sacrifício é uma forma de entrada na dimensão do sagrado, de ruptura com o tempo diacrónico, da obtenção de uma liberalidade.

A Maratona parece poder ter uma leitura análoga ao sacrifício. Com efeito, o atleta tenta obter “por violência”, mesmo pondo em risco a sua própria vida, uma nova condição próxima “da eterna juventude”, incorporando algo de novo que o faz subir na escala social. Essa nova condição tanto pode ser a satisfação de ter terminado a prova com tudo aquilo que isso significa, como atingir o quase endeusamento como foi o caso de Spiridon ao ser tornado “herói nacional”.

A violência da prova é-nos dada pela sua **história primordial**, pelas palavras dos organizadores da primeira Maratona olímpica, pelos mortos resultantes da *carrera*, pelos relatos da imprensa, verdadeiro pulsar de um povo.

“É uma prova infernal”, diz Pointu, ou, ainda o mesmo autor, “uma prova de drama e de morte”. A Maratona é, para Angel Cruz, uma *carrera* de “lenda e de morte”, enfim um historial de vítimas e de morte como parece fazer crer o doutor Mondenard ao publicar uma macabra lista de acidentes ocorridos nas diversas Maratonas.

Ultrapassar essa distância e sobreviver entronca numa definição de sacrifício, numa perspectiva de afastar a morte. A

carrera da Maratona é, em última análise, uma *carrera* para a morte. Correr-la e sobreviver corresponde, simbolicamente, a vencer a própria morte, numa tentativa de concretizar aquilo que Pointu considera o sonho quimérico de uma juventude infinitamente prolongada e de uma morte eternamente afastada.

Será curioso referir que o escalão de veteranos (atletas com idade superior a 40 anos) é predominante nas provas de Maratona. Este fenómeno não se reduz apenas a um país, mas estende-se por praticamente todo o mundo, fenómeno este que importa analisar.

Na Maratona de Londres há classificações isoladas para os escalões de mais de 60 e 70 anos. A concorrência é elevada, tanto para a prova masculina como feminina (*Athletics Weekly*, 90-05-02). Recentemente um espanhol de 82 anos correu a Maratona dos Campeonatos Mundiais de Veteranos.

A prova parece ser um **rito de passagem** do profano ao sagrado; do efémero e ilusório à realidade e à eternidade; da morte à vida; do homem à divindade. O caminho para esta condição é árduo, semeado de perigos. O estádio apresenta-se assim como um verdadeiro **centro**, o **panteão** do atletismo como a ele se referiu Pointu. Estamos perante descrições feitas por homens do desporto que mais parecem ser afirmações contidas em qualquer História das Religiões.

Correr a Maratona é, assim e acima de tudo, uma **vitória simbólica sobre a própria morte**.

A água na Maratona

Intimamente ligado ao par dicotómico vida e morte, encontramos no simbolismo da água um interessante caso de continuidade ritualista. Eliade fez eco desta impressionante continuidade de rituais, de cultos concentrados à volta de fontes, rios e ribeiros. Considera que desde o neolítico até aos nossos dias não parece haver rupturas evidentes nesse fenómeno. Nenhuma revolução religiosa conseguiu abolir este tipo de culto.

As Maratonas, na sua grande maioria, são disputadas ao longo de rios ou outros planos de água. A perpetuação fotográfica dessas provas utiliza muitas vezes a água, mesmo em locais onde outros elementos poderiam compor, de forma mais sugestiva, o cenário.

Sabemos da História das Religiões que os elementos do mundo prestam-se a símbolos múltiplos e contraditórios. A água, por exemplo, encerra em si uma dupla valência. É vida mas também pode ser morte. Também aqui, numa simples prova desportiva, é visível que a história não modificou radicalmente um símbolo arcaico. Há, isso sim, uma nova actividade onde esse símbolo se faz sentir.

A Maratona incorpora em si mesma também esta dupla valência da água. Parece ser um verdadeiro ritual de morte mas, por fim, assume-se como uma autêntica consagração da vida, afastando simbolicamente a última crise da nossa existência.

Por outro lado a água evoca o mar, a imensidão. O fluxo e o refluxo lembram a vida. Diz Eliade que a água corre, é viva, agita-se. A Maratona também o faz. A imensidão da prova, o eterno fluir de atletas pelas estradas até à meta, lembram o movimento, a vida. A Maratona de Londres foi *carrera* por um “mar de gente”, como afirmou um comentador televisivo. Mas a mesma massa de água significa igualmente a força destruidora que deforma, dissolvendo todas as formas. A Maratona também «engole» atletas, destruindo-os.

Não é nossa intenção afirmar o carácter propositado de traçar os percursos da Maratona junto de rios, numa simples perspectiva de causa-efeito, do tipo “como a água é vida e morte e Maratona também, então terá que ser efectuada junto a planos de água”.

Defendemos que a condição de *homo religiosus* não se perde no desporto. Mais uma vez temos que dar razão a Bernardina quando considera ser o desporto o último refúgio do sagrado. O desporto integrou a estrutura e muitos símbolos religiosos, servindo para os expressar.

É através dos símbolos, aquáticos incluídos, que o mundo se torna «transparente», perceptível à mente humana, susceptível de mostrar a sua transcendência. Os símbolos perenes na Maratona revelam exactamente essa transcendência, não sendo colocados conscientemente, mas constituindo-se como parte integrante e significativa da prova.

A Maratona como uma festa

A Maratona, pelo seu envolvimento e conduta de muitos dos seus participantes, poderá ter uma leitura próxima da teoria da festa.

Nas últimas maratonas de Londres correram atletas de alta competição com atletas da denominada manutenção. Atletas que ganham milhares de Euros para a correr e atletas que pagam para o fazer. Correram atletas de “elevada condição social”, vestidos de fraque e de cartola com “índios” semi-selvagens. Correram homens e “panteras cor-de-rosas”. Correram *travestis*. Até o poder religioso marcou a sua presença através de duas freiras que quiseram correr a Maratona de Londres sem perder a sua identidade eclesiástica. A Maratona serviu ainda para palhaços mostrarem as suas habilidades, para propaganda de variados produtos. Também “bailarinas” com bigodes e outras figuras burlescas de difícil descrição, fizeram a sua aparição nas ruas londrinas, exibindo dotes ímpares e inesperados.

Norbert Elias reconhece que fazer parte de uma multidão transmite coragem. Assim, ainda para este autor, acontece que pessoas que normalmente levam uma vida humilde e decerto frustrante, alheiam-se dela através do ridículo. Surgem desta forma comportamentos bizarros, como os atrás descritos, comportamentos que indiciam estarmos perante uma verdadeira festa, podendo ter uma leitura mítica.

A Maratona é uma festa e a festa, por natureza, é um tempo onde as regras são momentaneamente abolidas. Lembremos do Carnaval, ou das festas dos santos populares. Esta festa implica uma grande concorrência favorecendo o nascimento e o contágio de impulsos irreflectidos. Constitui uma ruptura do trabalho, uma libertação das limitações de homem: é o momento em que se vive o mito, o sonho.

Porém, importa precisar um pouco o sentido da transgressão das regras. Não entendemos como uma total rejeição do estabelecido, mas sim uma transgressão ritual. Nesta, o mito está junto do rito, regenerando, porque recria, o tempo mítico. A primeira Maratona olímpica conseguiu recriar o ambiente primordial, dando a essa festa toda a sua potência de renovação. Pointu, na sua crónica a esta *carrera*, afirma esta renovação quando diz “quando Spiridon estava junto do Rei, parecia que toda a antiguidade helénica entrava com ele”.

A festa é um momento diferente do calendário. Para o cristão é o Natal e a Páscoa. Dizemos vulgarmente: “é antes do Natal” ou “é depois da Páscoa”. No desporto afirmamos: “é antes dos Jogos Olímpicos” ou “é depois de Pequim”. A festa aparece como um ponto de referência para a nossa existência.

Quantas pessoas é que não treinaram exclusivamente para, por exemplo, a Maratona de Londres? Mal ela acabou começou de imediato um novo ciclo. O que é um ciclo olímpico? Porque se diz que a preparação de um atleta olímpico começa imediatamente após os Jogos? Essas datas, datas críticas, interrompem a continuidade do tempo, uma ruptura que se constitui numa festa, a festa do desporto. Esta festa termina e inaugura

um novo tempo, neste caso um novo tempo de treino.

Mas se a festa é o tempo da alegria, é também o tempo da angústia. Nem sempre sabemos onde é que a festa nos poderá levar. E este último aspecto deriva para um outro que já tivemos a oportunidade de discutir: a festa pode levar ao sacrifício. Festa e sacrifício vivem articulados e na Maratona, para além de outras provas de grande distância, é um facto evidente.

Zatopek, após uma Maratona, ficava uma semana sem conseguir trabalhar. Dizia ele que aquele tipo de exaustão era a mais agradável que existia. Diz o povo que “quem vai à festa durante três dias não presta”. A agonia e o prazer máximo, qual paroxismo, co-habitam na Maratona.

Na realidade a questão do desporto e da sua estranheza tem de ser novamente colocada. Que estranhos homens são estes que fazem de uma prova atlética uma festa, um trabalho, um sacrifício, um momento de loucura, de riso e por aí afirmam a sua natureza e identidade exclamando: “eu corri a Maratona!”?

A questão da festa na Maratona poderá ser ainda colocada de forma diversa, tão diversas são as próprias Maratonas. Isambert considera a existência de dois tipos de festas: a primitiva e a festa tradicional. Estas duas expressões festivas opõem-se tal como a espontaneidade e a regulamentação. Nós, através de um raciocínio similar, podemos incluir o jogo no primeiro tipo de festa e o desporto mais formal na sua segunda vertente.

Porém, no caso da Maratona, a divisão e seriação não se torna tarefa tão fácil em virtude da simultaneidade de acontecimentos a ela ligada. Assim, consideramos duas grandes divisões para a festa: as cerimónias e o divertimento. Na festa cerimonial incluímos as Maratonas olímpicas, de campeonatos continentais ou de valor de semelhante, bem como todos aqueles atletas que disputam uma Maratona “popular” mas com intenções de *performance* bem marcadas.

Por outro lado, consideramos com uma função essencialmente de divertimento, aquelas Maratonas onde, para além do rendimento desportivo, surgem comportamentos comparáveis àqueles próprios da festa primitiva, como momentos de libertação e abolição de tabus, transgressões rituais de regras, enfim, de uma variedade de comportamentos que recriam uma atmosfera caótica, típica do tempo original.

Na festa há um esbanjamento de bens ciosamente recolhidos ao longo de bastante tempo, mesmo ao longo de alguns anos. Não nos podemos esquecer que uma Maratona implica um treino de longos anos e a seguir um longo espaço sem competições para aqueles que dela fazem uma festa.

Olhemos para o que diz Roger Caillois: “Os móveis aquisitivos deixam de ser vigentes, **é preciso dilapidar** e cada qual **esbanja** ao desafio as suas riquezas, os seus víveres, o seu vigor sexual ou **muscular**” (sublinhado nosso).

Pelo *caos* da festa, quer se trate do carnaval ou da Maratona, reconstitui-se simbolicamente o *caos* primordial. Este recurso ao tempo original dá à festa toda a sua potência de renovação. Mais uma vez encontramos na Maratona a essência do mito, a renovação do tempo presente.

No nosso tempo assistimos a uma certa decadência da festa arcaica, e, talvez, a uma valorização da festa cerimonial. Provavelmente foi a industrialização da nossa sociedade que levou a festa a evoluir desta forma, uma vez que existe um tempo para o trabalho e um tempo para o não trabalho, as férias, os fins-de-semana e equivalentes. Não negamos que este tempo não é também um tempo de abolição de certas regras, de excessos, mas ao contrário da abolição ritual destas regras na festa arcaica, surgem agora quase institucionalizadas. O desporto, em particular a Maratona, permite agir de uma forma diferenciada, emergindo, pela espontaneidade, a exuberância.

A religião regenera-se pela redescoberta da festa. Ao descobrirmos a dimensão festiva da Maratona, redescobrimos a festa, a nostalgia do paraíso. É, ainda uma descoberta pelo jogo e por isso no tempo do jogo e do desporto.

A porta da Maratona

São muitos os estádios de futebol que possuem a denominação da porta da Maratona, mesmo que nunca se tenha lá realizado qualquer Maratona. Sabemos que nunca o atleta que saiu em primeiro lugar do estádio olímpico na prova da Maratona, foi o primeiro a entrar no seu regresso. Este facto só tem importância porque há quem se preocupe com isso. Deve ter um significado para ser relatado. Por isso é significativo.

Dá-se uma importância enorme a essa porta que é corroborado por afirmações de atletas que afirmam que sentem mais emoção na reentrada do estádio do que chegar à meta.

Se sobre a porta, como elemento físico, pouco ou nada haverá a discutir, já sobre o seu simbolismo importa reflectir um pouco. A porta é um símbolo religioso porque é o limiar entre dois espaços, o profano e o sagrado. Essa porta mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço. No interior desse espaço temos o espaço sagrado, onde o mundo profano é transcendido, sendo possível a comunicação com os deuses.

No interior de um estádio parece haver igualmente essa comunicação. Já aludimos algumas vezes ao estádio como o Panteão do atletismo. Todos nós já lemos na imprensa a expressão “Deuses do estádio” (o diário desportivo português *A Bola*, tinha uma crónica intitulada “Os Deuses do Estádio”). Bruant explicita este pensamento quando afirma que o estádio representa um recinto sagrado, um lugar de culto do corpo.

O estádio é o verdadeiro centro do mundo por onde se comunica com o céu. Eliade refere-se à marcha como sendo uma verdadeira peregrinação para o centro do mundo. Não nos esqueçamos que há peregrinações para Londres, a Meca das Maratonas, como é revelado por alguma imprensa especializada.

A porta, que divide o espaço interior do espaço exterior da Maratona, pertence a uma espécie de círculo por onde a *carrera* se desenrola. Com efeito, os *croquis* das mais importantes Maratonas mundiais são, globalmente, círculos em tudo semelhantes aos locais culturais comuns. O estádio, já por si se assemelha a esses locais. A totalidade do percurso, como pode ser documentado, por exemplo, pela imprensa britânica já indicada, revela-nos essa forma cósmica de perfeição absoluta, proporcionando aos atletas uma verdadeira experiência de ciclicidade, de eterno retorno.

Mircea Eliade é categórico a afirmar que enquanto houver ciclos (dia-noite; inverno-verão) o homem não pode ser mudado. Estamos integrados em ritmos cósmicos. Pensemos por esta perspectiva a Maratona.

O espaço e o tempo lineares são substituídos pelos espaço e tempo circulares. Estes segundos são o tempo e o espaço míticos. São imortais, eternos, perfeitos.

Num universo mítico o tempo é, não *acontecendo* apenas. Para o pensamento mítico existe *um ir* e *um vir*, uma existência e um *dever* conformes com um ritmo. As soluções de continuidade que interrompem esse curso uniforme são os tempos sagrados, os tempos da festividade. Ora, a própria marcha e a *carrera* parecem ser representações rítmicas do homem.

A Maratona foi construída a partir desse modelo mítico. Há um *ir* e um *vir* do e para o estádio. A porta é o limiar desse tempo e espaço qualitativamente diferentes.

A porta, bem como as «passagens estreitas», são motivos correntes das mitologias funerárias e das mitologias iniciáticas. Eliade descreve inúmeros rituais onde a existência desta

porta, bem como da ponte com um valor idêntico, são reconhecivelmente importantes. Ninguém pode negar o valor simbólico das Portas de Brandeburgo na Maratona de Berlim, da Porta do Almirantado na Maratona de Londres e, ainda nesta prova, da ponte de Westminster e da Tower Bridge.

É de salientar, como prova irrefutável da importância destas *passagens estreitas*, o elevado número de espectadores e de órgãos de informação (especialmente televisão e fotógrafos) concentrados nestes locais, tentando, de alguma forma, perpetuar aí a prova através de imagens de atletas a transpor essas portas ou pontes.

O simbolismo da porta, *limiar de um novo espaço* e da ponte, *ligação com um outro espaço*, torna-se evidente nesta simbólica da Maratona. A este nível, as experiências míticas primitivas existentes na Maratona, são, mais uma vez, um retorno à origem, uma regressão ao tempo mítico dos princípios, associados ao paraíso.

O mito edénico na Maratona

Eliade considera a porta como uma solução de continuidade. Essa porta separa dois espaços qualitativamente diferentes, permitindo a entrada no paraíso, do *Éden*. A ideia do paraíso, paraíso perdido, é percebida na Maratona e pode ser facilmente documentada, bastando para isso uma análise, mesmo superficial, da imprensa especializada ou diária de grande expansão.

Imagens de ilhas perdidas no meio do oceano, rodeadas de palmeiras e de águas azuis, são vulgares para a promoção de *carreras* de Maratona. No número de Abril de 1990, a revista britânica *Today's Runner*, apresenta uma curiosa fotografia promocional da Maratona de Barbados, onde a água e as palmeiras, qual local edílico, sobressaem da restante composição fotográfica.

Nas festas poder-se-ão constituir “micro-colectivos nómadas”, que acompanham o seu desenrolar por variadas partes. No fenómeno da Maratona surgem empresas especializadas em dar resposta a esses micro-colectivos, e que se anunciam de forma muito peculiar. Existe a *Runathon*, a *Sportmans Travel* que se afirma como a *world's largest athletics tour operator*, todas elas com uma visão paradisíaca da *carrera*.

A Maratona, acima de tudo, parece ser um ritual para abolir a condição humana, fazendo com que o homem regresse ao seu paraíso inicial, onde a morte não existe. Para Vergote o paraíso é o arcaico presente no homem actual, pelo que o discurso humano jamais deixa de o enunciar nos mais diversos sentidos. A Maratona é apenas mais uma forma de expressar este verdadeiro arquétipo (ou, para fugir da linguagem da psicanálise, de modelo existencial), tão querido de inúmeras religiões. Sabemos que o caminho para alcançar o paraíso, e por isso garantir a posteridade, é árduo e difícil, podendo implicar uma simbólica descida aos infernos, mas ao ser concretizado o homem atinge a plenitude do seu ser.

A narração da vitória, escrita por Kosik e por Pointu, do então checoslovaco Emil Zatopek na prova olímpica da Maratona dos Jogos de 1952, traduz na sua máxima expressão que os temas da descida simbólica aos infernos, a entrada no paraíso e a garantia da imortalidade têm lugar no desporto, em especial nesta longa prova de Atletismo.

Jorge Bento não deixa igualmente de se referir ao paraíso perdido, apontando o *recorde* como uma forma do homem erguer-se imponente sobre o caos do mundo, caos esse, ainda segundo este autor, inscrito no determinismo e no fado da expulsão de Adão e Eva do Paraíso.

A imortalidade só é consubstanciada no paraíso. Para lá entrar é condição *sine qua non* atravessar o sofrimento. Na Ma-

ratona, para se chegar ao estádio, ao aplauso, à eternização corre-se, e o sofrimento é deveras sentido.

Foi através deste sofrimento, bem como de dois anteriores (as provas de cinco mil e dez mil metros), que Zatopek atingiu “a última linha no livro notarial dos excessos de reconhecimento do homem no cartório das *carreras*” (Bento, 1993b, p. 23). Através da Maratona, atingiu o fim mítico do homem. Projectou-se para o paraíso, para a eternidade, atribuindo desta forma, a esta competição desportiva um sentido escatológico.

É curioso referir que no texto sobre Zatopek atrás referido, o autor defende o fim da Maratona como mito, embora refira as palavras “exaltação”, “glorioso”, “fervor”, “posteridade”, e as expressões “imensa cratera do estádio”, “alegria profunda”, “expressão torturada”. Facilmente, através de um simples exercício intelectual, conseguiríamos compor um texto “mítico” utilizando estas palavras e expressões onde se realçaria, por exemplo, a entrada n o paraíso de Zatopek, após uma prova violenta.

Outros símbolos

Com uma expressão menor mas com alguma evidência, existem na Maratona outros símbolos que nos conduzem à atmosfera religiosa e que por isso importa analisar.

O tema da montanha não é estranho ao universo das actuais Maratonas. Com efeito, disputam-se *carreras* cujo objectivo é a subida de determinada montanha, como é o caso da *Maratona al Monte Faudo*, disputada anualmente em Itália. O próprio *significato umano* anunciado para esta prova não é olvidado pela organização, que a ele se refere no seu *folder* de apresentação. O simbolismo da montanha também é referido nesse mesmo documento (*montagna-simbolo*). Consideramos igualmente curioso, na linha da presente investigação, a referência “à repetição anual do rito” aludida no documento que temos vindo a citar.

Todo o simbolismo atribuído, por exemplo, por Eliade à montanha sagrada está presente nas palavras dos organizadores desta Maratona de montanha. Este autor refere-se àqueles que subiam até às mais altas montanhas para oferecerem sacrifícios, sendo, no caso presente, a própria subida esse sacrifício, como se refere a própria organização da *carrera*. Subida, ascensão, montanha são palavras comuns na História das Religiões que encontram eco na literatura desportiva.

Em sentido contrário, também encontramos a Maratona do lago de Tiberíades, que desce a centenas de metros de profundidade, uma verdadeira Maratona ao inferno, como já foi anteriormente referido.

Num caso como no outro estamos perante uma verdadeira mitologia iniciática, que tanto conduz o atleta às profundidades como o eleva aos céus. O simbolismo cosmológico da ascensão está assim bem conservado no desporto, em especial na Maratona.

Vergote afirma que o esquema vertical domina toda a visão cósmica do mito religioso e o seu dualismo repete-se em diversos momentos. A polaridade vertical faz-se sentir em inúmeras actividades, onde o desporto se inclui.

Na História das Religiões a ideia do labirinto aparece como uma forma de protecção do centro onde se comunica com o transmundano. Em virtude da sacralidade desse centro, ninguém poderá atingi-lo com facilidade. O espaço mágico-religioso que o estádio parece ter também se encontra assim protegido. Para se chegar ao centro há que vencer dificuldades, tal como numa peregrinação. A chegada a esse estádio é o equivalente a uma iniciação do tipo heróico.

O simbolismo do labirinto encontra nesta prova outra forma de se manifestar. Como as ruas constituem um autêntico

labirinto por onde o atleta tem de descortinar a verdadeira passagem, “resolveu-se”, tal como na lenda do Minotauro, traçar o caminho com um risco, o risco azul, cujos procedimentos para a sua marcação, são sobreponíveis aqueles atribuídos a determinados rituais iniciáticos. A marcação da linha azul corresponde à “consagração” do espaço e como tal só um elemento já iniciado nos segredos da Maratona o poderá fazer. Com efeito é esse o sentido da norma que aponta que a linha azul deverá ser marcada na presença de um atleta experimentado, porque só ele é que sabe o *verdadeiro* percurso da prova.

Outros símbolos poderão ser encontrados embora resultem de exercícios de raciocínio mais complexos e não tão evidentes no plano imediato. O simbolismo lunar, com tudo aquilo que lhe está subjacente, em especial a morte e a ressurreição, o eterno retorno, e a metamorfose periódica, pode ser vista na *carrera*, embora ainda de uma forma pouco evidente. Em Portugal, bem como em alguns outros países europeus, existem algumas *carreras* ao luar, embora o seu número não cause ainda grande impacto.

Mircea Eliade aludiu diversas vezes na sua obra aos ferreiros, verdadeiros arquitectos e artesãos dos deuses, atribuindo-lhes uma importância decisiva na construção do mundo. Bruant consegue descortinar nos atletas participantes em provas de média distância, um comportamento análogo ao comportamento dos ferreiros míticos, uma vez que conseguem, tal como faz o fogo, realizar a síntese das qualidades de velocidade e de resistência.

Para finalizar é importante que voltemos o nosso olhar para a proliferação de provas desportivas denominadas de Maratona embora as suas distâncias sejam bem diferentes daquela que resulta do Regulamento Técnico de Atletismo.

Actualmente são comuns as provas de Meia-Maratona, Ultra-Maratona e Mini-Maratona. Aquilo que estas provas têm de comum com a real prova de Maratona é o nome. A palavra Maratona serve quase apenas para credibilizar a *carrera*. Sabemos da História das Religiões, em especial do estudo da Mitologia, que qualquer parte de um objecto hierofânico – aquilo que revela o sagrado – carrega em si a potência do todo. Pelo facto de ser apenas uma parte não lhe retirava qualquer valor sagrado. Parece, no presente caso, que estamos perante uma situação semelhante. A palavra Maratona atribui à prova, mesmo de uma dezena de quilómetros, um sentido de sagrado. É uma fracção do todo, mas é uma Maratona. Toda a potência desta transfere-se para a *carrera* em questão.

A questão dos símbolos, bem como da sua interpretação, torna-se de primordial importância para a total compreensão da actividade desportiva, no caso presente da Maratona.

Actividades como correr dezenas de quilómetros, jogar com uma bola, lutar contra alguém poder-se-ão constituir como curiosos espectáculos rituais, naquilo que a palavra ritual tem de pejorativo, mas não em actividades com um determinado significado humano. A “transformação” destas actividades em algo mais que um espectáculo acontece por via da sua simbólica, daquilo que o desporto invoca, embora na aparência se encontre afastado.

Quantos mais elementos religiosos encontrarmos no desporto mais significativo se torna. Se a lenda da Maratona de alguma forma sacraliza o cosmos, corrê-la sacraliza a vida.

CONCLUSÕES

Parece ser evidente que o actual estado do estudo do desporto se encontra marcado pelo pensamento positivista e pragmático. O estudo da prova da Maratona não se encontra imune desse tipo preferencial de análise, pelo que será legíti-

mo afirmar que a perspectiva mecanicista criou o fenómeno da Maratona.

Com efeito, a produção e acumulação de dados científicos acerca da prova da Maratona é imensa, respondendo cabalmente à questão do “como se corre”. Não obstante, pensamos que as questões “o que é a Maratona” e “porque e para que se corre a Maratona”, não têm sido convenientemente tratadas, nem havendo perspectivas de encontrar essas respostas pelos métodos quantitativos.

A unidade do desporto não exclui, obviamente, a diversidade de estudos a seu respeito, mas as conclusões parciais que encontramos não podem pretender assumir-se como conclusões gerais, uma vez que se referem a grupos particulares ou a simples áreas do conhecimento humano.

Deste modo, temos perfeita noção das limitações impostas pela nossa percepção, que apenas pretendeu mostrar o alcance que a História das Religiões poderá ter para o esclarecimento de uma parte da crescente importância que a Maratona possui no nosso quotidiano.

A adopção deste marco teórico parece-nos pertinente, uma vez ser o sagrado não apenas um mero acidente na nossa noção de perceber o mundo, mas uma estrutura permanente da nossa própria constituição de pessoa humana. Deste modo, não será de admirar que muitas expressões, temas, comportamentos e experiências sagradas tenham o seu correspondente no mundo do desporto, em particular na Maratona.

Importa no entanto enfatizar que esta percepção, linguagem e comportamentos mítico-religiosos do fenómeno da *carrera* não se reduzem a um simples processo de imitação, resultando da especificidade da experiência da própria actividade desportiva.

O universo do desporto está povoado de heróis, que evoluem num cenário de tipo mítico, num tempo que não é o nosso, o tempo do eterno retorno, e fazendo uso de uma linguagem simbólica que urge interpretar. Por um lado, esta linguagem pode ser um disfarce que importa reduzir e por outro lado, pode essa mesma linguagem ser veículo de uma mensagem mais profunda com necessidade de emergir.

Ao estudar o desporto, ao estabelecer uma hermenéutica para a *carrera* da Maratona, pretendemos retirar essa máscara e tentar encontrar o seu sentido mais profundo, um sentido para além do cronómetro.

O sagrado, como categoria apriorística do homem, encontra-se oculto, atrás do sensível mas tende, sem descanso, a manifestar-se através dele. O desporto, construção de uma sociedade aparentemente laicizada, também serve para que o sagrado se manifeste, o que foi tornado evidente pela estrutura da prova da Maratona, pela linguagem utilizada por aqueles que de alguma forma a discutem, bem como pela linguagem daqueles que a correm. Na Maratona, sem dúvida, a emergência do *homo religiosus* não é só aparente mas concretizada através de variados comportamentos.

A linguagem simbólica contida no desporto não pode ser introduzida no discurso tal como aparece. O ensinamento que pretende veicular encontra-se, por vezes, mascarado pela trama imaginativa do mito. Só através da interpretação dos mitos poderemos chegar ao cerne do sentido da Maratona, na sua total compreensão e funcionamento no mundo actual. Ao desvendar, através dos segredos do mito, o sentido da Maratona, encontramos traços do homem arcaico, pelo que será legítimo concluir que o desporto não perde a sua essência fundamental: uma actividade lúdica, corporal e sagrada.

Quanto à Maratona propriamente dita verificamos que todo o processo desencadeado desde os finais do século XIX até à actualidade, seguiu por caminhos próximos da estrutura mítica.

A narrativa da *carrera* primordial, a acentuação de uma *repetição* e não de uma *comemoração*, a forma circular comum a inúmeros percursos da Maratona conduzem-nos para uma atmosfera típica do eterno retorno.

Para além destes temas a água, a porta, o labirinto por onde a prova decorre, o risco azul marcado no chão, bem como a ciclicidade em que decorre a própria Maratona, parecem ser versões secularizadas de símbolos sagrados. Mas, nem por isso perderam as suas propriedades hierofánicas. Continuam a revelar a essência sacra da nossa existência.

A Maratona «confirma» que o homem total nunca é totalmente dessacralizado.

Parece, desta forma, que na realidade:

- I) A Maratona se aproxima das estruturas míticas, quer devido à sua origem, quer ao seu actual funcionamento;
- II) A Maratona se aproxima bastante dos rituais, uma vez que reactualiza o passado e é o suporte da passagem de uma condição social a outra;
- III) A Maratona possui elementos simbólicos na sua estrutura e no seu decurso passíveis de uma interpretação e de uma compreensão do homem no cosmos;
- IV) A Maratona sem ser uma religião, surge-nos como uma forma camuflada ou degradada de uma religião popular, mais interessada em manifestações festivas que propriamente, em exclusivo, em cerimónias formais.

A dimensão sacrificial das *carreras* de grande distância é há muito conhecida. A bibliografia sobre a história do desporto refere-se à existência destas competições. A meio do século XIX, por razões várias, foram abolidas. Eram desumanas. Para renascerem foi necessário legitimarem a sua existência. A lenda da Maratona serviu para esse fim. Foi necessária uma palavra para dar novamente vida a uma actividade humana. Estamos perante uma verdadeira ontologia da palavra.

A estrutura fundamental da Maratona situa-se no interfaço do sagrado e do profano. Os símbolos referidos pelas diferentes histórias da religião fazem-se presentes na Maratona. Dos muitos símbolos encontrados, sem dúvida que a ideia da morte vencida é aquela que melhor evidencia o carácter supremo da Maratona. Na história primordial o soldado morreu vítima da distância percorrida. Ao correr-se a Maratona simbolicamente vence-se a morte, entrando o homem numa outra dimensão existencial que o aproxima dos Deuses. Os testemunhos fornecidos pelos atletas e os comentários sobre esta prova desportiva evidenciam o carácter transcendental de uma elementar competição desportiva. O esforço dispendido pelos atletas, o sofrimento necessário para treinar para esta prova que permite concluí-la, a existência –talvez inconsciente mas visível– de símbolos sagrados ao longo do percurso, configuram uma actividade desportiva muito próxima daquilo que é típico dos rituais sagrados que reactualizam mitos arcaicos. Esses rituais sacralizam a vida, dando-lhe um sentido profundo, aproximando o homem das suas origens, celebrando a sua existência, afastando-o do fim. O mito do eterno retorno está presente na Maratona.

Ao correr o atleta celebra a sua vida!

BIBLIOGRAFIA

(Nota: Este ensaio faz parte de um documento muito mais vasto. Optámos por colocar as principais referências bibliográficas embora muitas delas não estejam directamente citadas no presente texto).

- Alleau, R. (direcção) (1973). *Dictionnaire des Jeux*. Paris: Claude Tchou.
- Allen, D. (1982). *Mircea Eliade et le phénomène Religieux*. Paris: Payot.
- Barthes, R. e Flahault, F. (1987). Palavra. *Enciclopédia Einaudi* (11). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 118 - 136.
- BARTHES, R. e MARTY, E. (1987). Oral/escrito. *Enciclopédia Einaudi* (11). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 32 - 57.
- Bastides, R. (1972). *Le Rêve, la Transe et la Folie*. Paris: Flammarion.
- Bento, J.O. (1991). *Desporto, Saúde, Vida - em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J.O. (1993a). Topografia do corpo moderno e discursos do corpo e da saúde no desporto. Conferência proferida ao Fórum Horizonte 93, *Desporto e Saúde - Mutações e Controvérsias*. Oeiras.
- Bento, J.O. (1993b). *O outro lado do Desporto*. Porto: FCDEF (documento não publicado).
- Berne, E. (1992). *Des Jeux et des Hommes*. Paris: Éditions Stock.
- Blanchard, K. e Cheska, A.T. (1986). *Antropologia del Deporte*. Barcelona: Ediciones Belaterra.
- Bruant, G. (1992). *Anthropologie du Geste Sportif - la construction sociale de la course à pied*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Burkert, W. (1991). *Mito e Mitologia*. Lisboa: Edições 70.
- Caillois, R. (s/d). *O Mito e o Homem*. Lisboa: Edições 70.
- Caillois, R. (1988). *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.
- Caillois, R. (1990). *Os Jogos e os Homens*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Cassirer, E. (s/d). *Linguagem, Mito e Religião*. Porto: Rés Editora.
- Comune di Imperia (1992). Prospecto de apresentação da 23ª Maratona al Monte Faudo, Itália.
- Conselho da Europa (1981). *Recomendação 900 relativa aos Jogos Olímpicos e às suas perspectivas futuras*.
- Conselho da Europa (1984). *Carta Europeia contra a dopagem no Desporto*.
- Costa, A. (1989). Football - spectacle de competição. *Alliance du merveilleux et du dramatique. Recherches Sociologiques*, XX (1) 27 - 48.
- Cruz, Á. (1986). El primer héroe, un pastor. *Atletismo Español*, XXXVI (367) 9 - 16.
- Cruz, Á. (1991). Cuentos e leyendas del maratón. *Atletismo Español*, XL (427) 44 - 47.
- Detienne, M. (1987). Mito/rito. *Enciclopédia Einaudi* (12), Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 58 - 74.
- Detienne, M. (1988). Mitos: epistemologia dos mitos. In André J. Festugière, Pierre Vidal-Naquet, François Châtelet, Marcel Detienne e Paul Ricoeur *Grécia e Mito*. Lisboa: Gradiva, pp. 41-59.
- Douglas, A. (1982). *Mircea Eliade et le Phénomène Religieux*. Paris: Payot.
- Duch, L. (s/d). *Ciência de la Religion y Mito: Estudios sobre la interpretación del mito con especial atención de Mircea Eliade*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Tübingen.
- Durkheim, É. (1991). *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*. Paris: Librairie Générale Française (1ª ed. 1912).
- Eliade, M. (1969). *Le Mythe de l'Éternel Retour*. Paris: Éditions Gallimard.
- Eliade, M. (1970). *Traité d'Histoire des Religions*. Paris: Librairie Payot.
- Eliade, M. (1979). *Images et Symboles: Essais sur le Symbolisme*. Paris: Éditions Gallimard.
- Eliade, M. (1987a). *A Provação do Labirinto - diálogos com Claude-Henri Rocquet*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Eliade, M. (1987b). *Ferreiros e Alquimistas*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Eliade, M. (1989a). *Origens*. Lisboa: Edições 70.
- Eliade, M. (1989b). *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70.
- Eliade, M. (1989c). *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70.
- Eliade, M. (1992a). *Initiation, Rites, Sociétés Secrètes*. Paris: Éditions Gallimard.
- Eliade, M. (1992b). *Le Chamanisme et les Techniques Archaiques de l'Extase*. Paris: Payot.
- Elias, N. (1991). *A Condição Humana*. Lisboa: Difel.
- Elias, N. (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- Földesi, G. (1992). Introduction to Olympism in Sport Sociology. *Int. Rev. f. Soc. of Sport*, 27 (2) 103 - 106.
- Freyne, S. (1989). Cristianismo primitivo e ideal atlético grego. *Concilium - Sociologia da Religião*, (225) 691 - 698.
- Grimal, P. (1989). *A Mitologia Grega*. Men-Martins. Publicações Europa-América (2ª ed.).
- Gritti, J. (1975). *Sport à la Une*. Paris: Librairie Armand Colin.
- Guttman, A. (1978). *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports*. New York: Columbia University Press.
- Hidgon, H. (1992). Is a running a religious experience? In Shil J. Hoffman (editor) *Sport and Religion*. Illinois: Human Kinetics Books, pp. 77 - 81.
- Huizinga, J. (1972). *Homo Ludens*. Madrid: Alianza Editorial (1ª ed. 1938).
- Ioannidès, I. (1976). La véritable course du messenger de marathon. *Revue Olympique*, (109) 599 - 602.
- Jeu, B. (1972). *Le Sport, la Mort, la Violence*. Paris: Éditions Universitaires.
- Jeu, B. (1977). *Le Sport, L'Emotion, L'Espace: essai sur la classification des sports et ses rapports avec la pensée mythique*. Paris: Éditions Vigot.
- Jeu, B. (1987). *Analyse du Sport*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jeu, B. (1993). Toute - puissance et immortalité ou les arrière - pensées du sport. In *Le Sportif, le Philosophe, le Dirigeant*. Lille: Presses Universitaires de Lille, pp. 109 - 130.
- Jung, K. e Bruns, U. (1984). Aspectos rituales de las carreras de larga duración en diferentes culturas e épocas (1ª parte). *Stadium XVIII* (103) 37 - 40.
- Kerényi, K. (1977). O testemunho antropológico do mito. In H.-G. Gadamer e P. Vogler (organizadores) *Antropologia Filosófica* (1ª parte). São Paulo: E.P.U. - E.D.U.S.P., pp. 218 - 234.
- Lenk, H. (1989). O esporte entre o Zen e o Eu. *Concilium - Sociologia da Religião*, (225) 718 - 730.
- Madella, A. (1990). La ricerca sociologica nello sport, argomenti e sviluppo. *Scuola dello Sport*, 9 (20) 39 - 42.
- Mauss, M. (1989). *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Meinberg, E. (1990). Para uma teoria do método hermenêutico. *Seminário sobre os Métodos Qualitativos e Quantitativos de Investigação*. Porto: FCDEF - Fundação Gomes Teixeira.
- Moltman, J. (1989). Olímpia entre política e religião. *Concilium - Sociologia da Religião*, (225) 699 - 707.
- Mondenard, J.P. e Garibal, G. (1991). 42,195: un sacré numéro. *AEFA*, (119) 55 - 57.
- Morin, E. (1992). *O Método IV - As Ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Otto, R. (1992). *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70 (1ª ed. 1917).
- Pereira, M.H.R. (1988). *Estudos de História da Cultura Clássica - Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, M.H.R. (1990). *Helade: Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- Pointu, R. (1979). *42,195 Km - Grands et Misères des Marathons Olympiques*. Paris: Seuil.
- Pointu, R. (1980). Le marathon, une course devenue ordinaire. *Education Physique et Sport*, (161) 59 - 61.
- Ricoeur, P. (s/d). *Conflito das Interpretações*. Porto: Rés - Editora.
- Ricoeur, P. (1987a). *Teoria da Interpretação*, Lisboa, Edições 70.
- Ricoeur, P. (1987b). Indivíduo e Identidade Pessoal. In P. Veiny, J.-P. Vernant, L. Dumont, P. Ricoeur, F. Dolto, F. Varela e G. Percheron *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70, pp. 65 - 85.
- Ricoeur, P. (1988). Mito a interpretação filosófica. In André J. Festugière, Pierre Vidal-Naquet, François Châtelet, Marcel Detienne e Paul Ricoeur *Grécia e Mito*. Lisboa: Gradiva, pp. 9 - 38.
- Ricoeur, P. (1989). *Do Texto à Acção*. Porto: Rés - Editora.
- Ries, J. (1989). *Lo Sagrado en la Historia de la Humanidad*. Madrid: Ediciones Encuentro.
- Ryan, T. (1989). Para uma espiritualidade dos esportes. *Concilium - Sociologia da Religião*, (225) 708 - 717.
- Sheehan, G. (1991). Running and being: the total experience. *Official Book of the London Marathon*. Londres: ADT, pp. 14 - 16.
- Van Riet, G. (1960). *Problèmes d'Épistémologie*. Louvain: Publications Universitaires de Louvain.
- Vergote, A. (1974). *Interprétation du Langage Religieux*. Paris: Éditions du Seuil.
- Wunenburger, J.J. (1990). *Le Sacré*. Paris: Presses Universitaires de France.

FORMACIÓN DE PROFESORES. ENSEÑANZA DE LA “DIDÁCTICA DEL ATLETISMO”. UNA EXPERIENCIA EN EDUCACIÓN SUPERIOR

TEACHING THE “DIDACTIC OF ATHLETICS” TO PRESERVICE TEACHERS. AN EXPERIENCE IN HIGHER EDUCATION

Antonio Calderón

Universidad Católica San Antonio de Murcia (UCAM)
acluquin@pdi.ucam.edu

RESUMEN

Este estudio, examina la percepción de alumnos sobre su aprendizaje de la asignatura “Didáctica del atletismo”, impartida mediante una metodología de enseñanza que fue diseñada bajo las premisas del modelo de Educación Deportiva (ED). La muestra se compuso por cinco clases (20 alumnos por clase de media) del Máster de Enseñanza en Educación Física de la Facultad de Ciencias del Deporte de la Universidad de Oporto. El trabajo se desarrolló a lo largo de un semestre. La metodología de enseñanza que utilizaron, trató de enseñar los contenidos de la “Didáctica del atletismo”, y las características propias del modelo de ED. Para ello se utilizaron entrevistas semiestructuradas y cuestionarios (papel y *online*) para analizar el comportamiento de las variables analizadas. Existe una mayoría absoluta de alumnos (90%), que coincide en afirmar que su aprendizaje de los contenidos de la asignatura de “Didáctica del atletismo” y del modelo de ED es bajo su punto de vista muy adecuado, debido fundamentalmente a las demandas previas que su intervención como docentes les exigía. La metodología de enseñanza utilizada, es adecuada para desarrollar los contenidos de la asignatura “Didáctica del atletismo”, y para formar a los alumnos universitarios en el conocimiento de las características principales del modelo de ED.

Palabras Clave: Educación Deportiva, Universidad, Aprendizaje, Modelos de enseñanza.

ABSTRACT

This study examines the perceptions of students, on learning of the subject “Didactic of athletics”, through a teaching methodology that was designed under the premise of the Sport Education (SE) model. The sample was composed of five classes (20 students per class) of the Masters of Teaching in Physical Education from the Faculty of Sports Science, University of Oporto. The work was developed over a semester. The teaching methodology used, tried to teach the contents of the “Didactic of athletics”, and the characteristics of the SE model. There is an absolute majority of students (90%) who agree that learning the contents of the course on the didactics of athletics is his point of view well suited, due mainly to earlier demands that its role as teachers would required. The teaching methodology used, is suitable for developing the content of the subject “Teaching athletics”, and to train university students in understanding the features of the SE model.

Key words: Sport Education, University, Learning, Teaching models.

INTRODUCCIÓN

La formación del profesorado es una línea de investigación objeto de numerosos estudios a lo largo de los años (Cuellar y Delgado, 2010; Delgado y Zurita, 2003; Medina, Jarauta y Urquiza, 2005; Martínez y Echeverría, 2009; Terigi, 2009). En la actualidad sin embargo, el cambio en la estructura y función del sistema universitario, hace que la formación de los profesionales de la enseñanza, adquiera una dimensión diferente, adaptada al nuevo contexto universitario (Biggs, 2009, p. 19).

Por ello, las metodologías de enseñanza-aprendizaje y evaluación que se utilizan en la formación de profesores, se deben revisar y adaptar al nuevo contexto y normativa vigente. Es objeto de este trabajo analizar precisamente esta cuestión, y plantear una propuesta de metodología de enseñanza para la educación superior, en aras de comprobar su efectividad y eficiencia en una materia concreta.

Así, se pretende examinar la percepción de alumnos del posgrado en Ciencias de la Actividad Física y del Deporte, sobre su aprendizaje de la asignatura “Didáctica del atletismo”, impartida mediante una metodología de enseñanza que fue diseñada bajo las premisas del modelo de Educación Deportiva (ED) (Siedentop, 1994). El objetivo principal fue por un lado, determinar si la metodología abordada es adecuada para el conocimiento de los aspectos técnicos y reglamentarios fundamentales del atletismo de forma global, y la enseñanza de los mismos; y por otro, si los alumnos aprenden los rasgos característicos del modelo de ED (temporada, afiliación, trabajo en equipos reducidos, competición formal, registro de datos, fase final, y festividad; Siedentop, Hastie, y van der Marrs, 2004).

MÉTODO

La muestra se compuso por cinco clases (20 alumnos por clase de media) del Máster de Enseñanza en Educación Física de la Facultad de Ciencias del Deporte de la Universidad de Oporto. El trabajo se desarrolló a lo largo de un semestre. La metodología de enseñanza que utilizaron, se diseñó para enseñar los contenidos de la “Didáctica del atletismo”, y las características propias del modelo de ED. Para ello, tal como indicó Siedentop (1994, p. 6) se seleccionaron equipos (seis equipos por clase), uno de ellos se encargaba cada semana de dirigir la sesión y enseñar la disciplina que de forma aleatoria, se le había asignado. Así, si en una clase había seis equipos, los cinco integrantes de uno de ellos (alumnos-entrenadores) se encargaban de enseñar por grupos la disciplina correspondiente, a los demás compañeros, siguiendo las pautas del modelo de ED, y con la orientación del profesor de la asignatura (reuniones previas). Asimismo, siguiendo con las premisas del modelo, cada uno de los equipos se decantó por un color, un nombre y un logotipo identificativos (afiliación). Además, los equipos que intervenían como entrenadores, debían diseñar y construir todos los materiales tanto los curriculares (ejemplo, páginas *web*, powerpoints, videos, etc.), como los atléticos (ejemplo, vallas, pesos, discos, martillos, jabalinas, pértigas, etc.) que se iban a utilizar en la sesión a desarrollar. La asignación de las dos disciplinas que debían desarrollar cada uno de los equipos se realizó de forma aleatoria. El proceso de diseño y planificación de la sesión, fue en todo momento tutorizado por el profesor responsable de la asignatura en reuniones, a las que debía acudir todo el equipo e indicar la secuencia metodológica que iban a utilizar, así como todos los materiales (curriculares y atléticos) que iban a utilizar.

Al finalizar cada intervención, los alumnos de cada equipo daban un feedback individual a cada uno de los alumnos-entrenadores que había dirigido la sesión, y un feedback grupal

de su comportamiento analizando cuatro variables específicas y una global (información inicial, calidad de la demostración, indicaciones técnicas, feedback, y valoración global) durante la enseñanza de la disciplina concreta, utilizando para ello la técnica de “El semáforo”, (adaptada de Palao y Ruiz, 2003). A partir de este feedback, cada uno de los alumnos entrenadores debía elaborar una reflexión individual, una grupal sobre su práctica, y las clasificaciones tras la sesión de intervención, que debían compartir de forma semanal con todo el grupo, a través de la plataforma Moodle de la Universidad de Oporto.

Para el análisis de la percepción de aprendizaje y de su conocimiento del modelo, al finalizar el semestre los capitanes de cada uno de los equipos (30 en total) fueron entrevistados siguiendo las pautas plantea Merriam (2001). La entrevista estaba compuesta por diez preguntas abiertas, que recababan información por el conocimiento de los alumnos sobre las características principales del modelo de ED, y su comparación con los modelos de enseñanza utilizados en años anteriores, entre otras cuestiones. Además, cumplieron un cuestionario utilizando el soporte virtual “Survey monkey” que incluía diez preguntas, sobre diferentes aspectos específicos relacionados con el proceso de enseñanza-aprendizaje y sobre el propio modelo. Por último fueron evaluados en función de los criterios que el profesor responsable planteó (primera intervención, segunda intervención, reflexiones individuales, reflexiones grupales, porcentaje de asistencia y examen teórico). Los datos de las entrevistas fueron transcritos para ser analizados usando las comparaciones constantes (Lincoln y Guba, 1985), y métodos de inducción analítica (Patton, 1990) con objeto de identificar y extraer categorías y patrones de respuesta comunes. Los datos del cuestionario se analizaron de forma descriptiva usando el soporte SPSS.v15.

RESULTADOS

Tras el análisis de las entrevistas, existe un claro patrón de respuesta común que sustenta la metodología planteada como adecuada para la enseñanza del atletismo y su didáctica, y para el conocimiento del modelo de ED en educación universitaria. Existe una mayoría absoluta de alumnos (90%) que coincide en afirmar que su aprendizaje de los contenidos de la asignatura de “Didáctica del atletismo” es bajo su punto de vista muy adecuado, debido fundamentalmente a las demandas previas que su intervención como docentes les exigía, (búsqueda de información, diseño de una secuencia metodológica, elaboración de recursos de información previa para alumnos participantes, como páginas web didácticas, powerpoints informativos, y videos de ejercicios), además de la preparación de las hojas de registro, y del evento culminante. Tal y como indicaron alumnos de los alumnos:

Es un modelo que involucra a todos los alumnos en la práctica, y a través de equipos que se preparan para la competición final, se crea un ambiente festivo y de afiliación entre esos propios equipos. Creo que el atletismo es una de las disciplinas deportivas que mejor puede implementar el modelo, porque tiene muchas disciplinas deportivas y se pueden plantear muchas competiciones en función de todas esas disciplinas.

Otro aspecto importante para su aprendizaje que destacaron, hacía referencia al afán de superación existente entre los grupos con el paso de cada semana.

El nivel de cada una de las clases está siendo muy elevado cada semana. Los compañeros de otros equipos están trabajando mu-

cho los materiales didácticos previos (páginas web, powerpoints, etc.) esto hace que cada semana el trabajo de planificación tenga que ser muy duro. Sin embargo, es precisamente este trabajo tan intenso el que nos ayuda a conocer muy bien la disciplina que vamos a enseñar. Esta metodología no es frecuente y es por lo que la consideramos muy atractiva, además de efectiva para enseñar atletismo y motivar para la práctica.

Por otro lado, con respecto a los rasgos identificadores del modelo, el aprendizaje de los alumnos también fue bien valorado, sobretudo en lo relacionado a los conceptos de afiliación, aprendizaje cooperativo y entusiasmo, como piezas claves que estimulan el aprendizaje de la técnica, del reglamento y de la didáctica general. Además, los alumnos afirmaron sentirse plenamente capaces de enseñar los contenidos atléticos, incluso aquellos que no habían tenido experiencias atléticas previas, utilizando el modelo de ED, reforzando los hallazgos de Barret y Colie (1996) con otro contenido.

A pesar de todo el trabajo que hemos tenido ha sido una experiencia muy positiva. Si yo me tuviera ir a la escuela para dar atletismo, yo me sentiría segura de dar esa disciplina. Mismo la improvisación de material que tenemos que hacer, en la escuela yo creo que va a ser muy útil ya que pocas escuelas tienen el material necesario para atletismo.

Los resultados del análisis cuantitativo del cuestionario, refuerzan los datos cualitativos de las entrevistas. Así analizar las respuestas indicadas, la mayor parte de los alumnos coincide en destacar los aspectos de afiliación, competición y entusiasmo como piezas claves que sustentan el modelo, y lo delimitan como eficaz, para la enseñanza de los contenidos de la “Didáctica del Atletismo”. Además, también valoraron en gran medida las reuniones previas tenidas con el profesor responsable y el gran nivel de autoexigencia previa, marcado por las intervenciones de los demás compañeros.

DISCUSIÓN

El objetivo de este trabajo conciso en analizar el efecto de una metodología diseñada bajo las premisas del modelo de ED, sobre el aprendizaje de los contenidos de la asignatura “Didáctica del atletismo”, y del modelo mismo. Los resultados de las entrevistas, del cuestionario y de la evaluación final, indican de forma clara que la metodología de enseñanza utilizada, fue eficaz para la consecución de los objetivos planteados. Por un lado, el aprendizaje de los contenidos técnicos y reglamentarios del atletismo, su didáctica, y las características propias del modelo de ED. Son resultados que se asemejan a los planteados por Barret y Colie (1996) en la enseñanza de “Lacrosse”; y Fraile (2009) y Sicilia (2009) que utilizaron metodologías basadas en la evaluación formativa y cooperativa. El trabajo de planificación de las intervenciones, y el trabajo en equipo, es uno de los aspectos fundamentales, que permite en la muestra estudiada, el aprendizaje profundo de los contenidos de la “Didáctica del atletismo” y de las características principales de 1 modelo de ED.

CONCLUSIONES

La metodología de enseñanza utilizada, es adecuada y eficaz para desarrollar los contenidos de la asignatura “Didáctica del atletismo”, y para formar a los alumnos universitarios en el conocimiento de las características principales del modelo de ED. Futuras investigaciones analizarán el efecto de la metodología utilizada sobre aspectos concretos de las diferentes disciplinas atléticas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barret, K. R., y Collie, S. (1996). Children learning lacrosse from teachers learning to teach it: the discovery of pedagogical content knowledge by observing children's movement. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 67(3), 297-310.
- Cuellar, M. J. Y Delgado, M. A. (2010). Nuevas tecnologías en la enseñanza universitaria. *Pixel-Bit. Revista de Medios y Educación*, 36, 69-79.
- Delgado, M. A. y Zurita, F. (2003). Estudio de las teorías implícitas de la educación física en la formación inicial de los maestros en las diferentes especialidades en la Facultad de Ciencias de la Educación de la Universidad de Granada. Diferencias en función del género. *Retos. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*, 5, 27-38.
- Fraille, A. (2009). Un sistema común de aprendizaje cooperativo y evaluación formativa para dos asignaturas. En: V. M. López (Coord.). *Evaluación formativa y compartida en educación superior*, (pp. 183-189). Madrid: Narcea Editorial.
- Martínez, B., y Echeverría, B. (2009). Formación basada en competencias. *Revista de Investigación Educativa*, 27(1), 125-147.
- Medina, J. L., Jarauta, B., y Urquizu, C. (2005). Evaluación del impacto de la formación del profesorado universitario novel: Un estudio cualitativo. *Revista de Investigación Educativa*, 23(1), 205-238.
- Merriam, S. B. (2001). *Qualitative research and case study approaches in education*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Lincoln, Y. S., y Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Palao, J. M. y Ruiz, E. (2003). Grado de motivación de alumnos universitarios durante la vivencia de una propuesta de iniciación al voleibol a través de formas jugadas. En F. Ruiz y E. P. González (Comp.), *Educación Física y deporte en edad escolar*. Actas del V Congreso Internacional de FEADDEF (pp. 359-362). Valladolid: AVAPEF.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park, CA: Sage.
- Sicilia, A. (2009). Una experiencia basada en la autocalificación del estudiante. En: V. M. López (Coord.). *Evaluación formativa y compartida en educación superior*, (pp. 190-197). Madrid: Narcea Editorial.
- Siedentop, D., Hastie, P. A. y van der Mars, H. (2004). *Complete Guide to Sport Education*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Terigi, F. (2009). La formación inicial de profesores de Educación Secundaria: Necesidades de mejora, reconocimiento de sus límites. *Revista de Educación*, 350, 123-144.

LA FORMACIÓN EN EL ITINERARIO DE ATLETISMO EN LOS ALUMNOS DE CIENCIAS DE LA ACTIVIDAD FÍSICA

Sáez Rodríguez, G.¹, Monroy Antón, A.J.², Gallego Lázaro, A.F.³

1 Universidad de Alcalá

2 Universidad Autónoma de Madrid

3 Universidad de Alcalá

g.saez@uah.es

INTRODUCCIÓN

La capacitación del docente de atletismo puede venir por varias vías: la titulación expedida por la propia Federación o los estudios de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte en la Universidad. Son muchas las universidades que ofertan la posibilidad de seguir cursando atletismo o asignaturas directamente relacionadas, de forma que pueden llegar a convertirse en especialistas una vez finalicen su formación. Sin embargo, el crecimiento económico de las actividades deportivas en nuestro país ha provocado el aumento del intrusismo y de personas que, a pesar de contar con una titulación válida, no son profesionales del deporte concreto sino más bien generalistas (Blanco Pereira, 1998; Martín Sojo, 2009). El objetivo de este trabajo es analizar el perfil de los estudiantes de Actividad Física de las Universidades de Madrid en relación con el atletismo, intentando averiguar los motivos que les llevan a elegir ese itinerario, su opinión acerca de la formación que han recibido y del docente que la impartió y, finalmente, si se les puede considerar como expertos en atletismo, para poder establecer en caso necesario vías de mejora de dicha formación.

MÉTODO

Se ha diseñado un cuestionario de elaboración propia que es una versión modificada del de Rivadeneyra (1997), con diversas preguntas tanto abiertas como cerradas. El instrumento es fiable y válido (Alvira, 2004; Cea, 1998). Además, fue evaluado por 5 expertos externos al equipo de investigación, que valoraron positivamente el instrumento.

Participaron 140 personas (93 hombres y 47 mujeres) Licenciados en los 3 últimos años en CAFYD, entre mayo y junio de 2010.

El cuestionario era anónimo y constaba de dos partes, A y B. Aquellos que respondían SÍ a la pregunta 1, debían continuar por la parte A, y los que respondían NO, por la parte B. Se ha realizado un análisis descriptivo univariable y bivivariable, análisis inferencial incluyendo prueba de Chi cuadrado y coeficiente de correlación. Los datos se han tabulado y analizado con el programa SPSS v. 14.0.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

En la primera pregunta, que era si habían cursado alguna asignatura más sobre atletismo aparte de la obligatoria (Maestría o similar), el 17% (24) sí la había cursado, pasando así a la parte A del cuestionario. En esta parte, a la pregunta 2, de por qué habían elegido esa o esas asignaturas, la respuesta más repetida fue que venían del mundo del atletismo y querían seguir formándose y aprendiendo en el mismo para dedicarse a ello en el futuro. El 67% (16) consideró que el profesor que le impartió la asignatura estaba capacitado para ello.

Un 79% (19), consideraba que sí se veían capacitados para enseñar a nivel escolar adecuadamente sin necesidad de un título federativo, opinión contraria a la que mantienen Mestre y Castro (2002).

Los que respondieron NO a la primera pregunta (116), pasaron a la parte B. La primera pregunta de esta segunda parte, era por qué no habían cogido esa asignatura y las respuestas más repetidas fueron "porque no me gusta el atletismo" y "porque no me voy a dedicar a ello en el futuro". En la siguiente cuestión, sobre su opinión acerca del docente que ha impartido la asignatura de atletismo, la gran mayoría, el 64% considera que sí que era una persona adecuada. Por último, un 41% (46) sí que se veían igual de capacitados para impartir en la escuela la asignatura de atletismo igual que el resto de compañeros que poseían unos estudios más específicos al haber cursado más asignaturas.

CONCLUSIONES

En los estudios de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte son pocos los alumnos que cursan más asignaturas aparte de la obligatoria sobre atletismo, y que por tanto tienen una formación específica sobre él, pero aun así se consideran perfectamente formados para enseñarlo en la escuela. Esto puede derivar de la calidad del profesor que les ha impartido la materia obligatoria sobre atletismo o de una idea errónea de que unos conocimientos mínimos sirven para enseñar en el colegio.

Sería conveniente intentar que las enseñanzas de atletismo, base de todos los deportes, fuesen más profundas, con una duración de al menos dos asignaturas obligatorias.

REFERENCIAS

1. Alvira, F. *La encuesta: una perspectiva general metodológica*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004.
2. Blanco Pereira, E. "Aproximación a los diferentes ámbitos profesionales del Licenciado en CC. de la Actividad Física y del Deporte", *IV Congreso Gallego de Educación Física*, 1998.
3. Cea, MA. *Metodología cuantitativa. Estrategias y técnicas de investigación social*. Madrid: Síntesis, 1998.
4. Martín Sojo, F.J. "Titulaciones deportivas en el ámbito nacional español: un intento de clarificar el campo de la actividad física y deportiva", *Revista efdportes.com*, 139, 2009, fecha de consulta 2 de octubre de 2010.
5. Mestre, U. & Castro, R. "Programa de superación para la enseñanza del atletismo en el nivel escolar". *Revista EF Deportes*, 46., 2002, fecha de consulta 3 de octubre de 2010.
6. Rivadeneyra, M.J. "Formación inicial y perspectivas laborales del licenciado en Ciencias de la Actividad Física y Deporte". En M. A. Delgado Noguera (Comp.), *Formación y actualización del profesorado de Educación Física y entrenador deportivo*, 85-93, Sevilla: Wanceulen, 1997.

PREDICCIÓN DE LA EXPERIENCIA AUTOTÉLICA POR EL CLIMA MOTIVACIONAL Y LOS MOTIVOS DE PRÁCTICA DEPORTIVA

Moreno Navarrete, B.; Torrero Santos, F.; Aspano Carrón, M. I.; Cerro Herrero, D., Jiménez Castuera, R.

Universidad de Extremadura
ruthji@unex.es

INTRODUCCIÓN

Resulta de gran relevancia fomentar la adherencia al atletismo y, para ello, es necesario que el sujeto se divierta y se encuentre cómodo en los entrenamientos y competiciones, experimentando vivencias autotéticas, así como conocer los motivos de práctica deportiva.

El marco teórico empleado para su análisis es la teoría social-cognitiva de las Metas de Logro.

Así, el objetivo del presente estudio se centra en averiguar las variables que predicen la vivencia de experiencias autotéticas, incluyendo dentro de las posibles variables predictoras aquellas pertenecientes a la Teoría de las Metas de Logro (percepción de los climas motivacionales por parte de los atletas) y los motivos de práctica (disfrute, apariencia, social, fitness y competencia).

MÉTODO

La muestra estuvo formada por 71 atletas extremeños federados (62% hombres y 38% mujeres) que oscilaban entre los 16 y los 52 años, siendo la edad media de éstos de 24.21 años (DT = 9.65).

Los instrumentos de medida empleados para la recogida de los datos fueron el Cuestionario del Clima Motivacional Percibido en el Deporte-2, la Escala de Medida de los Motivos para la Actividad Física Revisada y la Escala del Flow Disposicional.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Para analizar el objetivo planteado se realizó un análisis de regresión utilizando el método introducir, cuya variable dependiente fue la experiencias autotética y las posibles variables predictoras o independientes el clima motivacional que implica a la tarea, el clima motivacional que implica al ego, y los motivos de práctica que hacen referencia a disfrute, apariencia, social, fitness y competencia.

Se realizó la introducción de las variables en dos bloques, incluyendo en el primero de ellos los climas motivacionales (entorno) y, en el segundo, los motivos de práctica.

Como se observa a continuación (Tabla 1), aparecen dos modelos significativos. El primer bloque explicó un 17.0% de la varianza, siendo únicamente el clima motivacional que implica a la tarea el que predijo de manera significativa la experiencia autotética, y el segundo bloque explicó un 34.6%, siendo el motivo de disfrute el único que la predijo significativamente.

Estos resultados son coherentes con los de otros estudios que destacan el valor predictivo del clima motivacional que implica a la tarea con la experiencia autotética [1] y con el flow [2].

Además, la experiencia autotética presenta una gran relación con constructos como el disfrute [3], transmitiendo la idea de realizar la actividad por la propia experiencia que aporta, puesto que ésta tiene una finalidad en sí misma.

Tabla 1. Coeficientes del análisis de regresión por el método introducir de los predictores significativos para la experiencia autotética.

Variable	β	R ²	T	P
Bloque 1		.170		
Clima motivacional a la tarea	.424		3.612	.001
Bloque 2		.346		
Disfrute	.530		3.378	.001

CONCLUSIONES

Se considera de vital relevancia el rol que desempeña el entrenador como difusor de valores fomentando un clima motivacional que implique a la tarea, pues éste favorecerá la aparición de experiencias autotéticas. Ello conllevará a que los atletas se den cuenta de que mejoran su habilidad con respecto a ellos mismos, con lo que obtendrán metas de logro en las tareas realizadas aumentando, de este modo, la adherencia a las modalidades atléticas y la consecución de patrones más adaptativos de práctica deportiva.

Además, cabe destacar que aún ha sido más importante la aparición del motivo de disfrute como el mayor predictor, por consiguiente, los entrenadores lo deberán considerar diseñando actividades variadas, novedosas y adaptadas a su nivel, de tal modo que el atleta sea consciente de su progreso y desarrolle experiencias placenteras que relacione con la práctica de su deporte.

REFERENCIAS

1. Cervelló, E.M, Santos-Rosa, F.J., García, T., Jiménez, R., & Iglesias, D. (2007). Young tennis players' competitive task involvement and performance: The role of goal orientations, contextual motivational climate, and coach-initiated motivational climate. *J. Appl Sport Psychol*, 19 (3), 304-321.
2. Jiménez, R., García, T., Santos-Rosa, F. J. Moreno, A., & Cervelló, E.M. (2010). Análisis de la relaciones entre orientaciones de meta, clima motivacional, valoración de la E.F. y flow disposicional en estudiantes de Educación Física en Secundaria, *Infancia y Aprendizaje*, 33 (1), 107-116.
3. Jackson S.A, & Csikszentmihalyi, M. (2002). *Fluir en el deporte*, Barcelona: Paidotribo.

ATHLETICS INFLUENCE ON SPANISH UNIVERSITY STUDENTS' EDUCATION

Monroy Antón, A.J.¹; Sáez Rodríguez, G.²

1 Universidad Autónoma de Madrid

2 Universidad de Alcalá

antonio.monroy@uam.es

INTRODUCTION

It is thought that participation in sports might help students to get better results (Barron, Bradley & Waddell, 2000; Cordente, García, & Sillero, 2008; Howell et al, 1984). Meanwhile, the research on this topic has been traditionally focused in professional sports such as football, basketball or baseball, with few experiences in others such as athletics.

Participation in athletics may affect students' outcome in several different ways. The first one would be the necessity to split their time between sport, leisure and study. In this aspect, it has to be considered that athletics could reduce leisure, and leisure time and academic performance are negatively correlated (Barron, Bradley & Waddell, 2000). Also, a better health status could lead to an increase in productivity (Cornelißen & Pfeifer, 2007). Finally, the development of certain skills such as confidence, leadership, teamwork, socialization, etc. (Heckman et al, 2006) and the impact in character formation should lead to an improvement in University students' success.

This paper analyses the impact of the practice of athletics in University students' education in Spain.

METHODS

The sample is drawn from the Autónoma, Complutense and Alcalá Universities in Madrid, Spain. A total of 34 volunteer students practicing athletics at all levels (amateur, semiprofessional and professional), as well as other 53 students practicing other sports, and 52 more not practicing sports at all filled the questionnaire in may and june 2010.

For the empirical analysis of the effect of the practice of athletics in University students' attainment, we used a modified version of the German Socio-Economic Panel (GSOEP). Each person filled in a biography questionnaire that included several items in order to discover, first, if the average marks of the students practicing athletics was higher than the rest, and second, if it had increased after the practice of athletics. The questions about sport ask whether they were involved in any sport activities and, in case they were, in which activity. Also, they were asked if they were just doing it for leisure or if they were competing. In this case, also if the competition was done at professional level.

Some control variables (socio-economic background, previous school characteristics, etc.), were included to ensure the relevance of the results.

A few questions in order to discover the levels of self confidence, leadership and socialization were also included.

As the education variables are measured on an ordinal scale, we chose the generalized ordered probit model (Boes & Winkelmann, 2006) to estimate ordinal dependent variables.

RESULTS AND DISCUSSION

Academic performance levels between the different groups measured are quite similar. Average marks during the last year of the athletes, students practicing other sports and students practicing no sports at all were 5,8, 5,7 and 6,0 respectively.

This is a totally opposite situation to that obtained by previous studies in other countries such as USA or Germany (Cornelißen & Pfeifer, 2007).

Regarding the skills measured, results were all better in people practicing sports than in the sedentary group, as it was shown by other authors (Cornelißen & Pfeifer, 2007). In particular, socialization (8,1 and 8,4 vs. 6,7), leadership (8 and 8,3 vs. 7,1) and self confidence (7,5 and 7,6 vs. 6,4) were higher in the sport practice group.

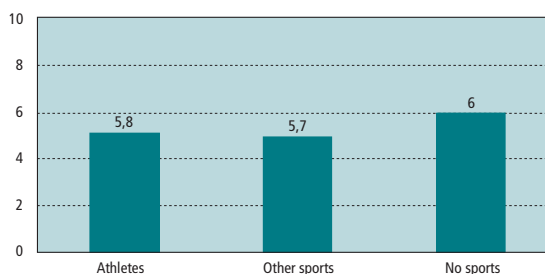


Figure 1. Average mark.

CONCLUSIONS

The impact of athletics on University students' education is positive, but not better than with other sports. In fact, some skills like leadership and socialization are more developed in other sports, possibly because they are team sports.

The first limitation of this study is the relatively short sample, as it is difficult to have access to the data of students in the sport services of the different Universities in Madrid.

As this is not a longitudinal study, the results should be validated with complementary studies measuring the impact of the practice of athletics in beginners.

In order to get complementary results, a program of athletics practice has been already initiated in two of the Universities mentioned with people with no experience in this sport.

REFERENCES

1. Barron JM, Bradley TE, & Waddell TG. "The effects of High School athletic participation on education and labor market outcomes", *Review of Economics and Statistics*, 82 (3), 409-421, 2000.
2. Boes, S & Winkelmann, R. "Ordered Response Models", *Allgemeines Statistisches Archiv, Journal of the German Statistical Society*, 90, 167-181, 2006.
3. Cordente, C.A.; García, P. & Sillero, M.: ¿Tienen los padres parte de la responsabilidad en la salud presente y futura de sus hijos adolescentes?, *Revista Internacional de Derecho y Gestión del Deporte*, 1, 36-48, 2008.
4. Cornelißen, T.; & Pfeifer, C. "The impact of participation in sports on educational attainment", IZA discussion paper available at *Social Sciences Research Network*, 2007.
5. Heckman et al. "The effects of cognitive and non cognitive abilities on labor market outcomes and social behavior", *Journal of Labor Economics*, 24, 411-482, 2006.
6. Howell, FM; Miracle AW; & Rees R. "Do High School Athletics pay?: The effects of varsity participation on socioeconomic attainment", *Sociology of Sport Journal*, 1, 15-25, 1984.

CONOCIMIENTO DE ASPECTOS TÉCNICOS Y REGLAMENTARIOS DE ATLETISMO EN ESCOLARES DE EDUCACIÓN SECUNDARIA OBLIGATORIA

Calderón, A.

Departamento de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte. Universidad Católica San Antonio de Murcia.
acluquin@pdi.ucam.edu

INTRODUCCIÓN

El año 2005 fue declarado por la Asamblea General de las Naciones Unidas como el *Año Internacional de la Educación Física y el Deporte (AIEFD)*. Uno de los objetivos fundamentales que se marcaron para este año, consistió en promover en los centros escolares programas de intervención en educación física, que incrementasen el conocimiento de todo tipo de deportes en los jóvenes escolares, como estrategia par motivar su práctica. Para ello se exhortó a toda la comunidad educativa a colaborar en este sentido, para conseguir éste, y otros objetivos más complejos hasta el año 2015. Sin embargo, el último análisis mundial realizado por Hardman y Marshall (2009), concluyó que actualmente las políticas educativas que se generaron a partir de 2005 y en otras cumbres mundiales posteriores (Bangkok, 2005; Suiza, 2005; Habana, 2006; y Bruselas, 2007), no están siendo implementadas en la gran mayoría de los países del mundo, por diversas razones. Bajo este transfonado, en el presente trabajo se pretende conocer si en la muestra analizada, el conocimiento de un grupo de escolares sobre un deporte concreto como el atletismo es adecuado o se podría mejorar, para corroborar precisamente este objetivo marcado a nivel mundial a partir del plan generado en 2005 (AIEFF) de implementar en la clase de educación física todos los tipos de deportes como estrategia de promoción de la práctica.

MÉTODO

Participantes

La muestra estuvo formada por dieciséis grupos de clase de los cursos 1º y 3º de la ESO de dos Institutos de Enseñanza Secundaria de la Región de Murcia, seleccionados para tal efecto (n=510). El estudio se realizó durante el curso académico 2005-2006. Las características de la muestra en relación al número de alumnos por centro analizado se presentan a continuación (Tabla 1).

Tabla 1. Características de la muestra por Institutos (n=510).

Instituto A (n=217)				Instituto B (n=293)			
Chicos		Chicas		Chicos		Chicas	
Nº de alumnos	%	Nº de alumnos	%	Nº de alumnos	%	Nº de alumnos	%
98	45.2	119	54.8	149	50.8	144	49.1

Diseño y procedimiento

Tras conseguir los permisos necesarios de la Dirección del Centro, y de los docentes del Departamento de Educación Física, se administró un cuestionario de elaboración propia que indagaba sobre diferentes aspectos técnicos y reglamentarios de tres disciplinas atléticas que representaban los tres sectores que componen el deporte del atletismo, una carrera, un salto y un lanzamiento. El cuestionario se elaboró de forma conjunta entre investigador y docente, y estaba compuesto por tres bloques de cinco preguntas cerradas, relacionadas con cada una de las tres disciplinas desarrolladas, con tres opciones de respuesta cada una. La información referente a los conceptos

critero a tener en cuenta para la elaboración del cuestionario, se seleccionó además a partir de la revisión y análisis de distintos manuales relacionados con la iniciación al atletismo (Rius, 1989; Hubiche y Pradet 1999; Seners, 2001).

Análisis de los datos

Para el análisis de los datos se calcularon los datos descriptivos (media y desviación típica) de ambos institutos y de las tres disciplinas de forma conjunta (n=510). Además, se tuvieron en cuenta los datos descriptivos promedio de los dos institutos y de las tres disciplinas por separado, y se realizó una estadística inferencial para comparar las medias entre institutos (Prueba T de Student).

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Tal como se puede apreciar, los valores totales sobre el conocimiento de los aspectos técnicos y reglamentarios de la muestra analizada en el Instituto A, se sitúan en un valor por debajo de la media. El conocimiento global de los alumnos este centro es ajustado. Resultado que se explica, ya que hasta el día del análisis, no se había impartido ninguna unidad didáctica de atletismo con estos cursos. Por el contrario en el Instituto B, los valores totales y por disciplinas se sitúan levemente por encima de la media, aspecto debido fundamentalmente a que el profesor si que impartía una unidad didáctica de atletismo en cada uno de los cursos de la educación secundaria. Las diferencias en todas las disciplinas son significativas ($p < .05$). El hecho de plantear unidades didácticas centradas en determinados deportes, hace que el conocimiento de los alumnos y por ende, su predisposición para la práctica del mismo aumente (Hardman y Marshall, 2000). Aspecto que se corroboró tras preguntar de manera informal a los alumnos tras la toma de datos.

Tabla 2. Datos descriptivos generales de las pruebas conceptuales (n=510).

	Vallas		Salto de Altura		Lanz. de peso		Totales	
	media	desv	media	desv	media	desv	media	desv
Instituto A	1,35	1,39	1,85	1,41	1,96	1,15	5,94	3,45
Instituto B	2,94*	1,56	2,76*	1,74	3,24*	1,43	8,94*	3,69
Totales	2.14	1.40	2.30	1.59	2.60	1.28	7.44	3.54

Escala: 1 a 5 (por disciplinas) - 1 a 15 (totales) / *Significación $p < .05$

CONCLUSIONES

Es preciso indicar, que este estudio cuenta con ciertas limitaciones, ya que la muestra utilizada no es representativa de toda la población, y es escasa, por lo que no se puede generalizar. Futuras investigaciones tratarán de ampliar la muestra, tanto en número de centros, como en tipos de deporte.

REFERENCIAS

- Hardman, K., y Marshall, J. (2000). The state and status of physical education in schools in interantional context. *European Physical Education Review*, 6(3), 203-229.
- Hardman, J., y Marshall, J. (2009). *Second World-wide Survey of School Physical Education. Final report*. Berlin: ICSSPE/CIEPSS.

EL ATLETISMO COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO PARA LA MEJORA DE LA INSERCIÓN DE LOS JÓVENES EN EL MERCADO DE TRABAJO

Monroy Antón, A. J.¹; Sáez Rodríguez, G.²; Gallego Lázaro, A.²

1 Universidad Autónoma de Madrid

2 Universidad de Alcalá

antonio.monroy@uam.es

INTRODUCCIÓN

El deporte mejora ciertas capacidades del individuo, lo que puede a largo plazo repercutir en una mejor situación para encontrar empleo y conseguir puestos de responsabilidad en el mercado de trabajo, a causa de una mayor formación.

Han sido muchos los estudios realizados para demostrar que la inserción laboral del deportista es mejor que la del individuo sedentario. Sin embargo, los resultados hasta ahora han sido muy dispares, mostrando algunos una correlación positiva entre práctica del deporte en la juventud y un salario más alto y otros lo contrario.

Este trabajo analiza la relación entre la enseñanza y práctica del atletismo en la juventud y el nivel salarial y profesional en los primeros años de inserción al mercado laboral.

MÉTODO

Se han seleccionado tres muestras: 45 personas que han practicado atletismo en su juventud, siendo requisito imprescindible el haber pertenecido a un club de atletismo de cualquier categoría durante un mínimo de 3 años; otras 45 personas que no han practicado el atletismo en el seno de un club; y, por último, 57 personas que en su juventud practicaron otra serie de deportes como el fútbol, baloncesto y judo formando parte de algún club durante esos tres años.

La edad de los participantes estaba entre los 20 y los 30 años (Media: 26,2, DT: 2,1) y su experiencia en el mercado de trabajo entre 6 meses y 3 años (eliminándose aquéllos cuya experiencia era inferior o superior pues podrían producir distorsiones en los resultados, al tratarse sólo de explicar la posible mejora en los inicios de la vida profesional).

Se realizó una encuesta, versión propia, parcial y modificada, del German Socio-Economic Panel (GSEP), en la que se les preguntaba por su nivel actual de salario (con rangos de variación de 5.000 euros anuales) y su nivel profesional dividido en tres posibilidades (trabajador de base, mando intermedio o directivo).

Se utilizaron variables de control para evitar las posibles influencias del entorno económico o familiar en los resultados. La variable dependiente de salario se ha medido en una escala ordinal y se ha estimado un modelo de regresión para este tipo de variables del tipo $y_i = \alpha_i \beta + u_i$.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Los resultados muestran una clara mejora salarial de aquellos individuos practicantes del atletismo en su juventud, con un 62% por encima de los 24.000 euros anuales frente a un 49% de los no practicantes).

En cuanto al nivel profesional, un 14% de los practicantes de atletismo declararon tener un nivel directivo frente a tan sólo un 9% de los no practicantes, confirmando así lo indicado por Barron, Bradley & Waddell, 2000; Cornelißen & Pfeifer, 2007; Ewing, 1995, Heckman et al, 2006; Picou et al, 1985 y Stevenson, 2006, entre otros, y rechazando las hipótesis de Howell et al, 1984 y Sabo et al, 1993.

No se encontraron diferencias significativas entre los atletas y los practicantes de otros deportes, lo que lleva a pensar en que la mejora se produce por la práctica del deporte, independientemente de su modalidad.

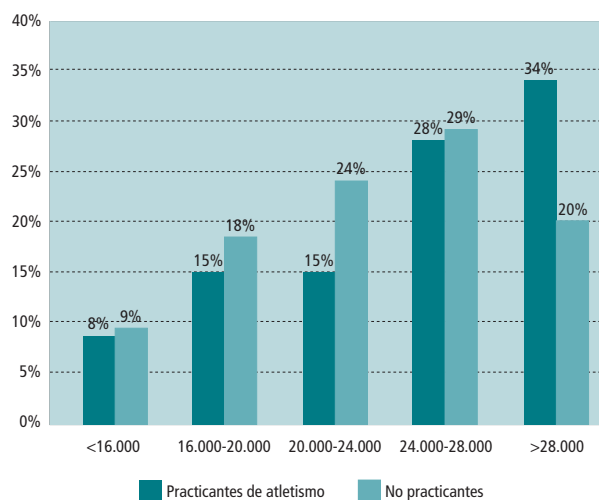


Figura 1. Salarios anuales en euros

CONCLUSIONES

El estudio confirma que el atletismo puede mejorar el nivel salarial y profesional de sus practicantes en los primeros años de incorporación al mercado de trabajo. Sin embargo, no se demuestra que sea mejor para ello que otros deportes.

REFERENCIAS

- Barron JM; Bradley TE; & Waddell TG. "The effects of High School athletic participation on education and labor Market Outcomes", *Review of Economics and Statistics*, 82 (3), 409-421, 2000.
- Cornelißen, T; & Pfeifer, C. "The impact of participation in sports on educational attainment", IZA discussion paper available at *Social Sciences Research Network*, 2007.
- Ewing, BT. "High School Athletics and the wages of Black Males", *The review of Black Political Economy*, 24 (1), 65-78, 1995.
- Heckman et al. "The effects of cognitive and non cognitive abilities on labor market outcomes and social behavior", *Journal of Labor Economics*, 24, 411-482, 2006.
- Howell, FM; Miracle AW; & Rees R. "Do High School Athletics pay?: The effects of varsity participation on socioeconomic attainment", *Sociology of Sport Journal*, 1, 15-25, 1984.
- Picou JS; McCarter V; & Howell FM. "Do High School Athletics pay? Some further evidence", *Sociology of Sport Journal*, 2, 72-76, 1985.
- Sabo D; Melnick MJ; & Vanfossen, BE. "High School Athletic participation and postsecondary educational and occupational mobility: a focus on race and gender", *Sociology of Sport Journal*, 10, 44-56, 1993.
- Stevenson, BA. "Beyond the classroom: using Title IX to measure the return to High School Sports", *American Law & Economics Association Annual Meetings*, Paper 34, 2006.

ANÁLISIS DE LA ENSEÑANZA DEL ATLETISMO EN LA ESCUELA EN LA COMUNIDAD DE MADRID

Sáez Rodríguez, G.¹; Monroy Antón, A.J.²

1 Universidad de Alcalá

2 Universidad Autónoma de Madrid

g.saez@uah.es

INTRODUCCIÓN

El atletismo es uno de los deportes más conocidos desde hace muchos años. Remontándonos a la historia del deporte, se puede ver cómo en las pinturas rupestres de las primeras civilizaciones, ya se llevaba a cabo la práctica del atletismo, bien sea a modo de carreras o de caza (Monroy, Sáez, 2007), lo cual supone un similitud en muchos casos con la disciplina del lanzamiento de jabalina. Con el paso de los años, el atletismo ha seguido teniendo mucha importancia y es, en la actualidad, donde ofrece en el ámbito de la salud, educativo y social múltiples posibilidades. Suele resultar exitoso en el ámbito educativo, ya que supone un nuevo conocimiento, tratamiento con materiales nuevos e innovadores, etc. Pero no en todos los centros y colegios se hace el mismo hincapié en la enseñanza del atletismo. Son varios los factores de los que depende, como el perfil y experiencia del profesor de Educación Física, las instalaciones de que se dispone en el centro e incluso el material del que se dispone. En este trabajo, se analiza la situación del atletismo en la escuela como contenido curricular, de forma que se estudia atendiendo a estos tres criterios anteriormente citados.

MÉTODO

Para llevar a cabo este estudio se ha realizado un cuestionario diseñado para el mismo, que sea pasado a distintos colegios de la Comunidad de Madrid. En él, se realizan diversas preguntas acerca de tres temas considerados como importantes de cara a la enseñanza del atletismo en la escuela: *Tema 1: El Profesor*, *Tema 2: Las Instalaciones*, *Tema 3: El Material*. Dentro de cada tema, se han incluido un total de 3 preguntas que han sido respondidas de forma anónima por los responsables de cada colegio de la educación física dentro del currículum educativo. Han participado un total de 35 colegios de diversas zonas de la Comunidad de Madrid, todos ellos con al menos 2 profesores titulados en Educación Física en el ciclo de Secundaria y Bachillerato.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

En cuanto a los resultados obtenidos en las preguntas, se encuentran los siguientes. En el tema "el profesor", ante la pregunta de cuántos de los profesores de Educación Física de secundaria tienen algún título de entrenador o especialista en atletismo, un 34% de ellos lo tenían. Otra de las preguntas que

hace referencia a la importancia que cree de basar parte de la enseñanza de Educación Física en el atletismo, el 45% consideran que es una buena base desde la que partir para enseñar ciertas habilidades y destrezas que posteriormente tendrán una aplicación directa con los contenidos a desarrollar en el ciclo de enseñanza. En el tema 2, las instalaciones, en la pregunta de si consideraban que las instalaciones del centro en el que impartían clase eran las adecuadas para la práctica y enseñanza de ciertos conocimientos relacionados con el atletismo, el 25% consideran que sí que son las adecuadas. Otra de las preguntas, era si creen que con las instalaciones existentes se podrían adaptar actividades para la práctica y enseñanza del atletismo, el 66% consideran que sí se puede adaptar con las pero que añadirían modificaciones en las mismas para una mejor enseñanza. Y, por último, en el tema de los materiales, la pregunta de si consideran que el material del que disponen es el adecuado para la enseñanza del mismo, el 48% creen que sí. Otra de las cuestiones sobre este tema, es sobre qué material harían más hincapié a la hora de enseñar atletismo, y las respuestas más repetidas fueron vallas, conos y bancos suecos.

CONCLUSIONES

Una vez vistos los resultados obtenidos, se puede decir a modo de conclusión que en los colegios de la Comunidad de Madrid no hay muchos especialistas y conocedores de la enseñanza del atletismo, ya que o no lo escogieron en el itinerario de la carrera o no tienen títulos de entrenadores que los acrediten como tales y, por tanto, no tienen más que los conocimientos básicos enseñados en la carrera con una asignatura. En cuanto a las instalaciones, decir que no están completamente adecuadas y adaptadas para la perfecta enseñanza del atletismo, pero que en muchos casos se intentan adaptar para que, al menos, se puedan enseñar como contenido curricular. Otro de los temas importantes, el de los materiales, nos hace concluir que no están muy especializados los colegios en material deportivo para atletismo, pero que a pesar de ello, se recurre al material básico como conos, bancos suecos y vallas para poder enseñar parte del mismo.

REFERENCIAS

1. Monroy, A. Sáez, G. *Historia del deporte: de la Prehistoria al Renacimiento*. Sevilla: Wanceulen, 2007.
2. Monroy, A. *Atletismo para niños*. Sevilla: Wanceulen, 2009.

GRADO DE SATISFACCIÓN DE LOS ALUMNOS EN LA ASIGNATURA DE FUNDAMENTOS DE ATLETISMO CON EL USO DE LAS TIC

Valero Valenzuela, A.; De la Cruz Sánchez, E.; Sánchez-Alcaraz Martínez, B.; Esteban Luis, R.

Facultad de Ciencias del Deporte (Universidad de Murcia)
 avalero@um.es

INTRODUCCIÓN

Dentro de las iniciativas encaminadas a la construcción del Espacio Europeo de Educación Superior, destacan los proyectos de innovación educativa que han ido introduciendo en la enseñanza de nuevas estrategias docentes adecuadas al cambio metodológico que propugna el proceso de Bolonia. Las TIC son una de las herramientas que de forma más significativa han condicionado el cambio que progresivamente se está produciendo en las universidades¹. Son además herramientas cuyas aplicaciones se manifiestan útiles tanto en el ámbito docente como en el investigador.

MÉTODO

El presente estudio valora el impacto sobre la satisfacción del aprendizaje de las TIC sobre la formación inicial en la asignatura de Fundamentos de Atletismo.

El proyecto se desarrolló gracias a la ayuda recibida por el Vicerrectorado de Innovación y Convergencia Europea de la Universidad de Murcia, para el diseño y desarrollo de experiencias de innovación apoyadas en TIC. La iniciativa consistió en el diseño de un blog que contenía las ejecuciones técnicas de las diferentes disciplinas atléticas que conforman el deporte del atletismo, para que los alumnos pudieran entrar y consultar las descripciones técnicas con la realización por atletas de los gestos técnicos estudiados (<http://atletismocafdsanjavier.blogspot.com/>).

La muestra de la investigación la conformaron un total de 87 alumnos, de primer curso de CAFD de la Universidad de Murcia, que cursaron la asignatura de Fundamentos de Atletismo durante el segundo cuatrimestre del año académico 2009-2010. Los alumnos fueron evaluados sobre los contenidos de la asignatura mediante diferentes técnicas de evaluación (un examen teórico, un examen práctico de las disciplinas atléticas, y la elaboración de un proyecto, implementación y memoria de una sesión de iniciación al atletismo). Finalmente, los alumnos completaron una encuesta de satisfacción sobre el uso de las nuevas tecnologías de enseñanza-aprendizaje², comparándose en función de los resultados obtenidos en la

evaluación de los dos bloques (de 0 a 6, peores notas, y de 7 a 10, mejores notas). Al objeto de conocer la influencia que ha generado el blog entre los alumnos con mejores y peores notas en la evaluación teórica y práctica de la asignatura se realizó una prueba t para dos muestras relacionadas. Los datos fueron analizados mediante el programa SPSS 15.0.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Como se observa en la tabla 1 hubo diferencias significativas ($p < 0,01$) en los alumnos con mejores y peores notas en el examen práctico y la variable de valoración del blog "Considera que con el uso de este sistema no sería necesaria la asistencia a clases". Los alumnos con mejores calificaciones en el examen práctico afirmaron que el blog no sustituye la asistencia a las clases teórico-prácticas. Entre las demás variables de valoración y los alumnos con mejores y peores notas no aparecen diferencias significativas.

CONCLUSIONES

Los resultados de la presente investigación no han aportado grandes diferencias significativas en la utilización de las TIC como herramienta para la formación inicial en la asignatura de Fundamentos del Atletismo. Esta consecuencia puede deberse a la utilización del blog únicamente como un instrumento de ayuda, apoyo y refuerzo de las clases teórico-prácticas. Muy probablemente, si se hubiese incluido algún criterio de evaluación relacionado con la visualización y análisis de la técnica para la detección de errores hubiese sido más determinante a la hora de establecer diferencias entre los alumnos con mejores y peores calificaciones, y por tanto, mejor valorado aún el uso de esta nueva tecnología de enseñanza-aprendizaje.

REFERENCIAS

- García, M.P. (2008). *Guías docentes de asignaturas de grado en el EESS: orientaciones para su elaboración*. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones.
- Barberá, E., Mauri, T., Onrubia, J. (2008). *Cómo valorar la calidad de la enseñanza basada en las TICs. Pautas e instrumentos de análisis*. Barcelona: Graó.

Tabla 1. Prueba t para la diferencia en la puntuación de la escala de valoración de la intervención educativa entre los alumnos con mejores y peores calificaciones en la evaluación teórica y práctica de la asignatura.

Variable	EXAMEN TEÓRICO			EXAMEN PRÁCTICO		
	Mejores notas Media ± DE	Peores notas Media ± DE	p	Mejores notas Media ± DE	Peores notas Media ± DE	p
Ayuda estudios	54,60±29,84	52,56±31,68	,757	55,49±30,32	46,67±31,06	,275
Tiempo disponible	58,80±32,36	56,05±30,89	,689	60,14±33,21	47,78±22,37	,139
Sencillez	79,58±22,11	75,90±24,14	,460	80,00±22,94	70,00±21,96	,100
Motivación	57,35±26,51	54,87±25,43	,659	56,29±27,35	56,11±20,04	,980
Diseño	75,00±19,67	75,64±18,03	,876	75,36±19,14	75,00±18,23	,943
Refuerza aprendizaje	77,55±19,31	78,72±18,09	,773	78,43±19,53	76,67±15,33	,723
Comprensión	64,08±27,30	65,53±20,22	,785	62,90±24,97	71,67±20,93	,175
Sustituye asistencia a clases	36,33±31,99	34,87±26,93	,821	31,57±29,17	51,67±26,84	,010
Tiene más debilidades	30,42±23,33	35,13±21,98	,339	32,03±22,33	34,44±24,78	,691
Tiene más fortalezas	75,00±18,90	71,79±20,88	,455	73,19±20,96	75,00±14,65	,731

LA COMPETENCIA MOTORA ATLÉTICA EN ESCOLARES DE EDUCACIÓN SECUNDARIA OBLIGATORIA

Calderón, A.

Departamento de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte. Universidad Católica San Antonio de Murcia
acluquin@pdi.ucam.edu

INTRODUCCIÓN

En los últimos años, motivados por diferentes razones, se han sucedido numerosos acuerdos normativos que han tratado de regular el contexto educativo bajo el que se educan los jóvenes escolares. Uno de los cambios que han experimentado estas normas, ha sido la inclusión de las competencias básicas al currículo, como medida del aprendizaje alcanzado. Según el Consejo Europeo en 2006, las competencias básicas se definen como "una combinación de conocimientos, capacidades, y actitudes adecuadas al contexto", (Consejo Europeo, 2006, p. 13).

Con las áreas y materias del currículo (entre las que se encuentra la educación física) se pretende que todos los alumnos y alumnas alcancen los objetivos educativos y, consecuentemente, también adquieran las competencias básicas. Sin embargo, no existe una relación unívoca entre la enseñanza de determinadas áreas o materias y el desarrollo de ciertas competencias (como el caso de la educación física). En el marco de la propuesta realizada por la Unión Europea, se han identificado ocho competencias básicas, entre las que no se encuentra la competencia motora o motriz. Es objeto de este trabajo por tanto, analizar los niveles de competencia motriz, relacionada con un deporte concreto como es el atletismo, en una muestra concreta de la Educación Secundaria Obligatoria.

MÉTODO

Participantes

La muestra estuvo formada por ocho grupos de clase de los cursos 1º y 3º de la ESO de un Instituto de Enseñanza Secundaria de Cartagena (n=217). El estudio se realizó durante el curso académico 2005-2006. Las características de la muestra en relación al número de alumnos por centro analizado se presentan a continuación (Tabla 1).

Tabla 1. Características de la muestra por cursos (n=217).

1º ESO (n=113)				3º ESO (n=104)			
CHICOS		CHICAS		CHICOS		CHICAS	
Nº de alumnos	%	Nº de alumnos	%	Nº de alumnos	%	Nº de alumnos	%
62	54,9	51	45,1	39	36,5	65	62,5

Diseño y procedimiento

Tras conseguir los permisos necesarios de la Dirección del Centro, y de los docentes del Departamento de Educación Física, se administraron unos test específicos para valorar la técnica cualitativa global (Calderón, Palao y Ortega, 2008) de tres habilidades atléticas que representaban una carrera, un salto y un lanzamiento (vallas, salto de altura y lanzamiento de peso). Los aspectos técnicos básicos que se valoraron en las hojas de observación para identificar el nivel de competencia motora atlética (siete por disciplina), se seleccionaron a partir de la revisión y análisis de distintos manuales relacionados con la

iniciación al atletismo (Rius, 1989; Hubiche y Pradet 1999; Senners, 2001). Los test se realizaron al comienzo de la 2ª evaluación del curso 2004-2005, tras haber desarrollado el contenido de juegos y deportes (baloncesto y badminton) en un centro y de condición física y salud (cualidades físicas básicas) en otro.

Análisis de los datos

Para el análisis de los datos se calcularon los porcentajes totales promedio (media y desviación típica) y de las tres disciplinas por separado (n=217). El porcentaje de competencia motora atlética se calculó tras el análisis de los videos tomados, en función del número de aspectos técnicos básicos conseguidos.

RESULTADOS

Tal como se puede apreciar, los valores totales de competencia motora atlética, se sitúan por debajo de la media. Los alumnos demuestran competencia en los test aplicados, debido fundamentalmente al conocimiento previo de las disciplinas que los alumnos tenían. Valores similares a los encontrados por géneros en el estudio de Calderón et al. (2008) con la misma muestra, donde no hubo diferencias a nivel cualitativo en función del género. Al analizar la competencia motora por disciplinas, los resultados son coincidentes con los globales.

Tabla 2. Datos descriptivos generales de la competencia motora atlética (%) (n=510).

	Vallas		Salto de Altura		Lanzamiento de peso		Totales	
	media	desv	media	desv	media	desv	media	desv
Instituto A	46,69	47,99	43,31	25,42	43,21	25,06	43,57	22,96

Escala: 0 a 100

CONCLUSIONES

En la muestra estudiada, los niveles de competencia motora no son del todo adecuados. Con este trabajo se pretende insistir en este sentido para que, la clase de educación física se considere como una asignatura vital, para la consecución de las tan comentadas competencias básicas, de entre las que no se encuentra la competencia motora, aspecto que sin duda, resulta cuanto menos paradójico y poco coherente.

REFERENCIAS

- Calderón, A., Palao, J. M., y Ortega, E. (2008). Formas de organización y aprendizaje: influencia del género en la enseñanza-aprendizaje de habilidades atléticas. *Cultura, Ciencia y Deporte*, 3, (Supl. 8), 125.
- Consejo Europeo (2006). Recomendación del Parlamento Europeo y del Consejo, de 18 de diciembre de 2006, sobre las competencias para el aprendizaje permanente. Diario Oficial de la Unión Europea. L 394 de 30 de diciembre de 2006. Extraído el 18 de octubre, 2007 de http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/es/oj/2006/l_394/l_39420061230es00100018.pdf

VARIABLES RELACIONADAS CON EL ENTORNO DE LOS ATLETAS PARTICIPANTES EN LOS CAMPEONATOS DE ESPAÑA EN EDAD ESCOLAR (1997-2003). UN ESTUDIO DESCRIPTIVO*

Abrales, J.A.¹; Calderón, A.²; Palao, J.M.³; Ortega, E.²

1 Universidad de Murcia

2 Universidad Católica San Antonio de Murcia

3 Universidad de Alcalá de Henares

abrales@um.es

* Este póster fue aceptado para el congreso pero no se defendió de forma pública.

INTRODUCCIÓN

Existe un gran número de variables que tienen una influencia directa sobre el proceso de formación deportiva, y que pueden contribuir o no, a que se desarrolle de forma óptima. De entre estas variables, Platonov (1993) indica que una de las que requiere una mayor atención, es el contexto o el entorno que rodea a los deportistas. El objetivo de este trabajo consiste en esta línea en describir el comportamiento de determinadas variables del entorno (padres, entrenador, compañeros de entrenamiento, las instalaciones y el material de práctica), de una muestra de deportistas que participan en los Campeonatos de España de Atletismo en Edad Escolar.

MÉTODO

Participantes

La muestra la componen los atletas que participan en el Campeonato de Atletismo de España de la Juventud del año 1997 (Cartagena) y del año 2003 (Madrid). La muestra ascendió a un total de 645 deportistas que cumplimentaron el cuestionario, de los cuales el 48,8% (315) fueron mujeres y el 51,2% (330) fueron varones.

Diseño y procedimiento

Tras conseguir los permisos necesarios, se realizó un diseño pre-experimental descriptivo intergrupo e intragrupo. El registro se realizó a través de un cuestionario de 63 preguntas realizado a partir del cuestionario diseñado por Campos (1995) y validado a posteriori tras las adaptaciones e incorporaciones realizadas. Uno de los cinco bloques que componían el cuestionario estaba formado por un total de nueve preguntas, dos de carácter abierto y siete de carácter cerrado. Los ítems se referían la actitud de los padres hacia la práctica deportiva, las características de los compañeros de práctica, y las condiciones y características de las instalaciones que utilizan para la práctica deportiva.

Análisis de los datos

El análisis estadístico de los datos se realizó con el paquete informático SPSS 12.0, llevándose a cabo un análisis descriptivo de los datos (frecuencias, absolutas, medias, porcentajes, desviaciones, etc) e inferencial para comprobar diferencias entre campeonatos (Prueba *T* de Student).

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Tal como se puede apreciar tras analizar los resultados, uno de los aspectos determinantes para lograr un adecuado proceso de enseñanza-aprendizaje en el joven deportista es la actitud de los padres hacia el ejercicio físico (Casimiro y Pièron, 2001). En este sentido el 63,81% de los atletas objeto de estudio señalaron que la actitud de sus padres era muy favorable (apoyo incondicional), el 24,84% bastante favorable, el 8,22% indiferente y solo el 2,5% negativa. No se aprecian diferencias significativas entre los dos campeonatos objeto de estudio, ni entre chicos y chicas ($p > .05$). En relación con la variable entrenador, se aprecia que la gran mayoría de atletas tienen entrenadores con titulación de entrenador nacional (44,94%), seguido de atletas con entrenadores con título de monitor (14,93%), diplomado o licenciado (13%) y licenciado más entrenador nacional (9,31%), mientras que el 1,77% su entrenador no tiene

ninguna titulación. En cualquier caso hay que tener en cuenta que el 16,05% de los atletas o no contestaron o no lo sabían, se aprecia un aumento del porcentaje de atletas con entrenadores con titulación de monitor (del 14,77% en 1997 al 20,85% en 2003) y de diplomados y/o licenciados (del 13,26% al 17,76%). Sería preciso comprobar si a día de hoy existe esta tendencia creciente de entrenadores con titulación, tal y como indican entre otros Álamo, Amador y Pintor (2003). En relación con los compañeros de entrenamiento, es preciso tener en cuenta que la gran mayoría de los atletas objeto de estudio entrenan en grupo (88,66%), frente a una pequeña minoría que lo hacen solo (10,4%), no existiendo diferencias entre los participantes en los distintos campeonatos analizados. El trabajo en grupo es un aspecto fundamental para mantener el grado de motivación adecuado, tal como ya indicaron Baker, Horton, Robertson, y Wall (2003). Por último indicar que tras preguntar a los atletas sobre la condición de las instalaciones y el material con el que entrenaban a gran mayoría de atletas entrenan en pista; en concreto el 84,75% de los atletas utilizan la pista como medio de entrenamiento. De igual modo, destaca el porcentaje de atletas que entrenan en el medio natural (el 21,15% de los atletas), siendo escasos los atletas que entrenan en colegios (6,68%), pistas de atletismo cubiertas (2,33%) y pabellones (4,66%). Al analizar los datos en función del campeonato objeto de estudio, se aprecia un pequeño descenso del porcentaje de atletas que utilizan el medio natural (del 23,29% en 1997 al 19,39% en el 2003) y un aumento en el porcentaje de atletas que utilizan la pista como lugar de entrenamiento (del 83,15% en 1997 al 85,51% en 2003). Si bien las diferencias no son significativas ($p > .05$). En cualquier caso, no se aprecian diferencias en el lugar de entrenamiento, entre chicos y chicas ($p > .05$).

CONCLUSIONES

Tras el análisis de los resultados, se puede concluir que es preciso ser conscientes, que el proceso de formación deportiva entraña toda una serie de interacciones complejas entre distintos factores, entre los que se destacan los analizados en este trabajo. Se hace necesario en esta línea que la investigación sobre estos aspectos continúe y que haya una colaboración mutua de todos los agentes que intervienen en el proceso de formación de alguna manera (federaciones, centros escolares, entrenadores, profesores, padres, etc.). Sólo así se podrá influir de forma positiva, en el futuro de los jóvenes deportistas.

REFERENCIAS

- Álamo, J.M., Amador, F., y Pintor, P. (2002). Función social del deporte escolar. El entrenador del deporte escolar. *Lecturas: Educación física y deportes*, 45. Disponible en <http://www.efdeportes.com/efd45/escolar.htm>
- Baker, J., Horton, S., Wilson, J., Wall, M. (2003). Nurturing sport exercise: Factors influencing the development of elite athlete. *Journal of Sport Science and Medicine*, 2, 1-9.
- Campos, J. (1995). *Determinantes sociales de los procesos de detección de talentos en el deporte. El caso del atletismo español*. Tesis doctoral. Universidad de Barcelona.
- Casimiro, A. J., y Pièron, M. (2001). La incidencia de la práctica físico-deportiva de los padres hacia sus hijos durante la infancia y la adolescencia. *Apunts*, 65, 100-104
- Platonov, V. N. (1993). *El entrenamiento deportivo. Teoría y metodología*. Barcelona: Paidotribo.

MOTIVOS DE INICIO DE LA PRÁCTICA DE ATLETISMO DE ATLETAS PARTICIPANTES EN LOS CAMPEONATOS DE ESPAÑA EN EDAD ESCOLAR (1997-2003)

Abraldes, JA.¹; Calderón, A.²; Palao, J.M.³; Ortega, E.²

1 Universidad de Murcia

2 Universidad Católica San Antonio de Murcia

3 Universidad de Alcalá

e-mail: abraldes@um.es

INTRODUCCIÓN

El presente estudio trata de valorar los motivos por los cuales se inicia el joven deportista en este deporte. En esta línea, son múltiples los estudios que analizan este hecho (Moreno, Pavón, Gutiérrez, y Sicilia, 2005). En uno de ellos se indica que la gran mayoría de los estudios concluyen que las motivaciones de práctica son las mismas, pero se valoran en orden diferente en función de la población, la edad, el sexo, etc. (Cruz, 1997). A pesar de las diferencias encontradas entre las distintas investigaciones, lo que si parece quedar claro es que un gran número de investigaciones señalan que la diversión y la satisfacción son los motivos por los que la mayoría de los niños y niñas, independientemente del género y la edad, se inician en el deporte. En este sentido, pretendemos corroborar los motivos de inicio de práctica de los jóvenes atletas y, además, analizarlos en función de las disciplinas en las que participan, puesto que, aunque perteneciendo a un mismo deporte, son muy diferentes entre sí. (Palao, Ortega, Calderón, y Abraldes, 2008).

MÉTODO

La muestra queda definida por deportistas del Campeonato de Atletismo de España de la Juventud del año 1997 (Cartagena) y del año 2003 (Madrid). Un total de 645 deportistas, el 48,8% (315) mujeres y el 51,2% (330) varones. El registro se realizó a través de un cuestionario Campos (1995) y validado a posteriori tras las adaptaciones e incorporaciones realizadas. Los ítems se referían a los motivos de iniciación deportiva y a la especialidad deportiva practicada. El análisis estadístico de los datos se realizó con SPSS 15.0 en Windows XP Profesional, llevándose a cabo un análisis descriptivo de los datos (frecuencias, absolutas, medias, porcentajes, desviaciones,...).

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Tabla 1. Motivos de elección para la práctica del atletismo en función del sexo de los deportistas (n=645)

	Marcas	Familia	Test	Entrenador	Atletas
Masc	54,41%	3,43%	6,86%	30,39%	4,90%
Femen	47,90%	4,21%	7,24%	36,21%	4,44%
Total	50,83%	3,67%	7,11%	33,89%	4,50%

En la Tabla 1, se aprecian las razones que los atletas han señalado como principales para la elección de la especialidad atlética practicada. En concreto cabe destacar que son varios los motivos que señalan los atletas para elegir la/s disciplina/s que practican. Así, el 50,83% señalan como motivo las marcas alcanzadas, el 33,89% por consejo del entrenador, el 7,11% por la valoración de algún tipo de test especial, el 4,05% por consejo de compañeros atletas y el 3,67% por consejo familiar. En función del género, cabe destacar que las chicas se dejan aconsejar más por los entrenadores (36,21%) que los chicos (30,39%). Por el contrario los chicos eligen más la disciplina

en función de las marcas alcanzadas (54,41%) que las chicas (47,90%). En la Tabla 2 se aprecia que en todas las disciplinas, los atletas escogen la especialidad o por marcas realizadas o por recomendación de los entrenadores.

Tabla 2. Motivos de elección de la especialidad practicada según su disciplina (n=645).

	Marcas	Familia	Test	Entrenador	Atletas
Veloc.	53,21%	3,67%	7,34%	32,57%	3,21%
Fon/Mar	46,92%	4,23%	7,31%	36,15%	5,38%
Salto	54,72%	2,52%	5,66%	32,08%	5,03%
Lanz.	50,29%	4,00%	8,00%	33,14%	4,57%
Comb.	50,00%	3,13%	6,25%	37,50%	3,13%
Total	50,83%	3,67%	7,11%	33,89%	4,50%

Los resultados encontrados muestran que la mitad de los atletas han elegido sus disciplinas por las marcas que realizan en las mismas. Estos resultados parecen mostrar una tendencia al resultado / producto de la práctica deportiva, algo que no encontraron Moreno et al. (2005), ni Pavón et al. (2006). Este aspecto se puede explicar, ya que entre otros, las marcas mínimas que se exigen a los atletas para participar en este tipo de campeonatos y otros, son en algunos casos muy exigentes, y obsesionan a los jóvenes deportistas. En esta misma línea, uno de cada tres atletas sigue las recomendaciones de sus entrenadores para elegir su actual disciplina. Este aspecto es más pronunciado en las chicas que muestran una mayor confianza o consideración hacia las observaciones de sus entrenadores al elegir la disciplina. Estas tendencias se producen de forma similar en todas las disciplinas, como también encontraron Moreno et al. (2004) y Cruz (1997).

CONCLUSIONES

En general, los atletas participantes de los Campeonatos de España en Edad Escolar de Atletismo analizados, aluden principalmente una gran motivación de práctica, guiados por las marcas que consiguen en la disciplina concreta. Así mismo, un porcentaje importante de la muestra se guía también por los consejos que sus entrenadores u otros.

REFERENCIAS

- Cruz, J. (1997). Factores motivacionales en el deporte infantil y asesoramiento psicológico a entrenadores y padres. En J. Cruz (Ed.), *Psicología del Deporte* (pp.147-166). Madrid: Síntesis.
- Moreno, J. A., Pavón, A. I., Gutiérrez, M., y Sicilia, A. (2005). Motivaciones de los universitarios hacia la práctica físico-deportiva.
- Palao, J.M., Ortega, E., Calderón, A., y Abraldes, J.A. (2008). *Características del proceso de formación deportiva en el atletismo español*. Murcia. DM.
- Pavón, A., y Moreno, J. A. (2006). Diferencias por edad en el análisis de la práctica físico-deportiva de los universitarios. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 6(1), 53-67.
- Campos, J. (1995). Determinantes sociales de los procesos de detección de talentos en el deporte. El caso del atletismo español. Tesis doctoral. Ciencias de la Educación. Universidad de Barcelona.

“JUGANDO AL ATLETISMO” EN LA FEDERACIÓN DE ATLETISMO DE LA REGIÓN DE MURCIA

García Roca, J.A.¹; Paz Meizoso, P.²; Calderón Luquin, A.¹; López Avilés, A.³

1 Universidad Católica San Antonio Murcia

2 Federación de Atletismo de Murcia

3 Club de Atletismo Elcano de Cartagena

jagarcia@pdi.ucam.edu

INTRODUCCIÓN

Tal y como indica la *Ley 2/2000, de 12 de julio, del Deporte de la Región de Murcia*, el deporte escolar se define como toda actividad deportiva organizada, practicada por los escolares de la Región, en horario no lectivo dentro y fuera del centro. Además indica que, debe tener “un carácter preferentemente polideportivo y no exclusivamente de competición, de tal manera que se garantice que todos los escolares conozcan la práctica de diversas modalidades deportivas de acuerdo con su aptitud física y edad”. En esta línea, cada Comunidad Autónoma plantea año tras año, un programa de actividades deportivas, que tienen por objeto el desarrollo y el fomento de un deporte educativo, en los escolares de las diferentes etapas. Una de las actividades que forma parte de este programa en la Región de Murcia es la denominada “Jugando al atletismo”. Su función como modelo alternativo de competición consiste en adaptar en el ámbito educativo, el atletismo reglado y federativo, a las posibilidades de espacios y materiales de las clases de educación física, que se desarrollan tanto en primaria como en secundaria, así como en las actividades extraescolares.

La actividad, que se diseñó teniendo en cuenta las consideraciones de Bunner (1997), ha sido desarrollada por la Federación Internacional de Atletismo (IAAF) con el programa “IAAF Kids’ Athletics”, y por la Real Federación Española de Atletismo (RFEA), con este programa. En la Región de Murcia ha sido implementada por la Federación Murciana (FAMU). “Jugando al atletismo” consiste en un formato de competición que pretende desarrollar en los jóvenes escolares una orientación educativa, mediante un atletismo más abierto y no tan cerrado, que favorezca un entrenamiento y una formación multilateral y polifacética, intentando limitar la repetición excesiva de las mismas pruebas, para evitar especializaciones prematuras. Ese carácter abierto y mucho menos rígido que el atletismo institucional ha de permitir adaptar las actividades competitivas atléticas según la edad, el lugar de realización, la época del año, el clima, el carácter geográfico, y el material disponible, por medio de una competición por equipos en la que se desarrollan diferentes pruebas adaptables, de velocidad (*10x10*), de saltos (*de longitud y cuña*), de lanzamientos (*de jabalina blanda y dorsal de balón*), de relevos (*5x1 y 5x2*), y de circuito de habilidades y obstáculos (*Gran prix*) (ver Grossocordon, Duran, y Sainz, 2004 para profundizar).

En la Región de Murcia, existe desde hace diez años un grupo interdisciplinar de profesionales de la educación física y el deporte que trabaja en el desarrollo y diseño de fórmulas que aporten dinamismo a estos modelos de competición escolar. De forma concreta esta labor se ha centrado en la actividad de “Jugando al atletismo”. El objetivo del presente trabajo es por tanto, la descripción del proceso de evolución que ha seguido la actividad, así como el número de participantes y de centros que han participado en la misma, a lo largo de los últimos cinco años.

MÉTODO

Se han recogido los datos descriptivos de participación que la FAMU ha registrado en las competiciones realizadas con es-

colores de entre tercero y sexto de primaria, de las competiciones locales y regionales llevadas a cabo desde marzo de 2005 hasta junio de 2010.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Al analizar los datos cuantitativos se puede apreciar que el número de centros escolares implicados en el programa, se ha incrementado de forma notable desde 2005 a 2010 (Figura 1). Es preciso indicar, que el aumento de la participación se incrementó de forma notable desde que se incluyó la actividad en el Programa de Deporte Escolar (PDE) en el año 2007. Gracias a la logística de la Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Murcia, y a la colaboración de diversas instituciones educativas (como la UCAM), el programa llega a más ayuntamientos y dispone de más recursos, tanto humanos, como materiales. “Jugando al atletismo” es la actividad deportiva del PDE de la Dirección General de Deportes de la Región de Murcia que más ha evolucionado en número de alumnos, de centros escolares y de municipios participantes. El formato de competición se ha ido adaptando a lo largo de todo este tiempo, siguiendo las recomendaciones de la RFEA para evitar un exceso en la sobrecarga física y psicológica de los escolares, evitar tiempos sin práctica durante la competición, y para buscar una armonía entre el horario escolar y la competición. Todo ello gracias a la colaboración de un grupo de trabajo formado por docentes y alumnos universitarios, y técnicos expertos en atletismo.

Jugando al atletismo (Federación de Atletismo de la Región de Murcia)

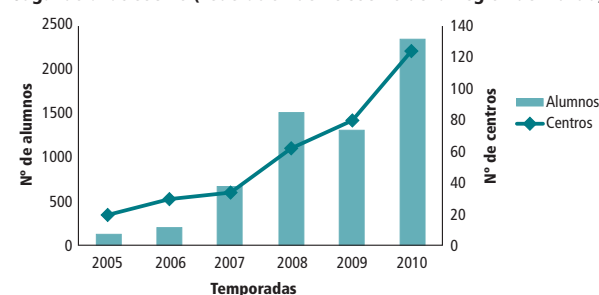


Figura 1: Evolución del número centros y alumnos del programa “Jugando al Atletismo” en la Región de Murcia (2005-2010).

CONCLUSIONES

El formato alternativo de competiciones de atletismo “Jugando al atletismo” implantado en la Región por la FAMU, supone un éxito de participación en el PDE de la Región de Murcia. Se trata de una actividad que ofrece un programa todavía con muchas posibilidades de mejora y cambio para atender las demandas que los escolares. Futuras investigaciones se centrarán, por ejemplo, en el efecto de la práctica sobre el nivel de satisfacción de los participantes y de su interés por la práctica de atletismo a nivel federado y/o reglado.

CÓMO EVALUAR CONTENIDOS DE NO VIOLENCIA A TRAVÉS DE UNA UNIDAD DIDÁCTICA DE ATLETISMO PARA EDUCACIÓN SECUNDARIA OBLIGATORIA

Romero Zaragoza, Marta; Sánchez Pato, Antonio; Cebrián Sánchez, Yolanda

Universidad Católica San Antonio de Murcia
apato@pdi.ucam.edu

INTRODUCCIÓN

El deporte puede transmitir valores positivos o negativos, contravalores. Por ello, es preciso desarrollar en el ámbito de la educación física iniciativas que integren valores positivos para hacer frente a las distintas situaciones de manera no violenta.

Los objetivos se estructuraron en torno a tres fases:

- Fase 1. Elaboración de un cuestionario específico para la evaluación de contenidos de no violencia (CUS).
- Fase 2. Diseño de una unidad específica de atletismo para la intervención educativa.
- Fase 3. Evaluación de los efectos de la intervención.

MÉTODO

Se seleccionó una muestra intencionada compuesta por alumnos de la ESO del colegio Antonio de Nebrija (n=201), de edades comprendidas entre los 12 y 16 años.

Las variables objeto de estudio que se emplearon en la elaboración y adaptación de cuestionarios, diseño de unidades didácticas, pautas metodológicas, etc.) atendieron a las categorías de *no violencia* definidas por Mosquera [2,3,4] (y las subcategorías correspondientes): *juego limpio*, *competición* y *cooperación*.

El diseño de investigación (metodología selectiva de carácter cuantitativo), permitió dotar de fiabilidad y validez de contenido y constructo al instrumento (*Fase 1*), a través de procedimientos de consulta y análisis de expertos, prueba piloto y análisis estadístico descriptivo. Se utilizó un diseño pre-experimental, pre-prueba y post-prueba con grupo control, para analizar los efectos de la intervención (*Fase 3*).

La intervención se programó sobre seis semanas en dos grupos ("A" y "B") para cada curso de la E.S.O. Se preparó una unidad didáctica de atletismo en la que se introdujeron contenidos de juego limpio, cooperación y competición en sesiones de velocidad, salto de altura y relevos.

Para evidenciar diferencias entre los grupos experimentales y los grupos control, el profesor introdujo variables metodológicas específicas en el grupo experimental (pautas operativas [2]). Antes y después de la intervención se administró un cuestionario adaptado del código de la *no violencia* [4] a ambos grupos.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Los resultados para la *Fase 1* (CUS) confirmaron la fiabilidad (0.879) y la validez de contenido y constructo del cuestionario principal.

Tras la intervención educativa (*Fase 2*) y la administración del cuestionario adaptado del código de *no violencia* [4] (*Fase 3*), los resultados indicaron mayores porcentajes finales de conformidad con aspectos de *no violencia* en aquellos grupos en los que se introdujeron pautas metodológicas específicas, aunque en ambos grupos se produjeron mejoras.

CONCLUSIONES

El cuestionario elaborado (*Fase 1*) para evaluar conceptos, procedimientos y actitudes de *no violencia* en los tres ámbitos de aplicación (CUS) resulta ser fiable y válido, y es susceptible de ser utilizado en el ámbito educativo.

Con respecto a la intervención educativa (*Fase 2*) desarrollada, es posible afirmar que la introducción de contenidos de *no violencia* en una unidad didáctica es positiva, tal y como demuestran los resultados (*Fase 3*). La inclusión de principios metodológicos operativos es además un ejemplo de aplicación transversal de contenidos de no violencia.

La intervención con contenidos de no violencia resulta por tanto eficaz, y la introducción de pautas metodológicas permite consolidar los aprendizajes.

REFERENCIAS

1. Mosquera, MJ, Lera, A, Sánchez, A. *Noviolencia y deporte*, Inde, Barcelona, 2000.
2. Mosquera, MJ, et al. *No violencia en el deporte y en la vida. Guía para docentes y personas interesadas*, Xunta de Galicia, A Coruña, 2004a.
3. Mosquera, MJ, et al. *No violencia en el deporte y en la vida. Guía para padres y madres*, Xunta de Galicia, A Coruña, 2004c.
4. Mosquera, MJ, et al. *No violencia en el deporte y en la vida. Guía para escolares y personas curiosas*. Xunta de Galicia, A Coruña, 2004b.